

**HELOISA NOGUEIRA CORDEIRO**

**LAZER E RECREAÇÃO:  
CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DE UM CURSO  
DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PUC-CAMPINAS**

**2005**

**HELOISA NOGUEIRA CORDEIRO**

**LAZER E RECREAÇÃO:  
CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DE UM CURSO  
DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação na área de Ensino Superior do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Katia Regina Moreno Caiado.

**PUC-CAMPINAS**

**2005**

Ficha Catalográfica elaborada pela PUC-Campinas-SBI-Processos Técnicos.

**t796.07 Cordeiro, Heloisa Nogueira**

C794L Lazer e recreação: concepções dos alunos de um curso de graduação em educação física / Heloisa Nogueira Cordeiro. - Campinas: PUC-Campinas, 2005. 109p.

Orientadora: Kátia Regina Moreno Caiado.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pós-Graduação em Educação.

Inclui anexos e bibliografia.

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Professores – Formação. 3. Lazer. 4. Recreação. I. Caiado, Kátia Regina Moreno. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Pós-Graduação em Educação. III. Título.

22.ed. CDD – t796.07

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Autor (a):** CORDEIRO, Heloisa Nogueira

**Título:** “LAZER E RECREAÇÃO: CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA”.

**Orientadora:** Profa. Dra. Katia Regina Moreno Caiado

**Dissertação de Mestrado em Educação**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Educação da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

Data: 18/11/2005.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof(a). Dr(a). Katia Regina Moreno Caiado

---

Prof(a). Dr(a). Edison Duarte

---

Prof(a). Dr(a). Maria Eugênia L. M. Castanho

## ***Dedico este trabalho...***

- **Fernando Telles Claro** (*in memoria*), eterno amor, esposo, pai de meus filhos, companheiro, idealista, realizador e mestre por excelência... Presença viva em minha vida que sempre me incentivou e onde estiver, continuará me incentivando a trilhar novos caminhos para construir um mundo mais humano...
- **Luiz Fernando e Paula**, frutos de um amor infinito...  
Sonhos que se tornaram realidade. Meus filhos!  
Por eles e com eles amadureci, e hoje me realizo como mãe e mulher.  
Juntos enfrentamos desafios e conquistamos vitórias escrevendo todos os dias uma página de nossa história...
- A **José e Iracema**, meus queridos pais, por existirem e me amarem incondicionalmente; pelo exemplo de vida íntegra, e por tudo o que fizeram e fazem por mim.
- À **Ruth, Paulo e Silvia**, meus queridos irmãos. Amigos certos nas horas incertas.
- À **Selva**. O seu nome exprime bem o quanto ela é especial e o que representa em minha vida: uma pessoa firme, suave, determinada, sábia, acolhedora e generosa. Ajuda as sementes a se tornarem florestas. Muito obrigada por tudo.
- À **Ruth e Ronald**, meus tios, que muito contribuíram para que eu chegasse aqui.
- Às minhas queridas primas, com amor.

## Agradecimentos

- Agradeço a **Deus**, que me toma pela mão e me conduz todos os dias, fazendo-me viver plenamente.
- A **Katia Regina Moreno Caiado**, Doutora e Professora, minha querida orientadora, que com muito incentivo, confiança e paciência, possibilitou-me não só a elaboração deste trabalho, mas também meu crescimento profissional.
- A **Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho** Doutora e Professora, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas e exímia educadora. Com ela aprendi a elaborar aulas inesquecíveis, consistentes e reafirmei a importância da seriedade e serenidade na docência.
- A todos os professores de quem fui aluna no programa de mestrado. Agradeço e dedico meu respeito, admiração e gratidão pelas inúmeras contribuições, neste caminhar em busca do saber e do sublime aprendizado de ser educadora.
- Ao **Flávio Martins e Nascimento**, Professor e meu querido colega, por sua disponibilidade e paciência na revisão e formatação desta dissertação.
- A **Maria das Graças Leitão de Lavor**, Professora e Linguísta, pela colaboração nas correções.
- A **Ana Maria Chaves**, querida colega e Professora, pelo companheirismo, pela amizade e pela colaboração, que foi fundamental para a finalização deste trabalho.

- A **Ernesto Piloto**, Doutor e Professor, por sua disponibilidade e pelo seu conhecimento que foi fundamental à compreensão do problema estudado, sob um outro vértice.
- Ao professor que tão prontamente e gentilmente nos concedeu a entrevista, instrumento essencial nesta pesquisa.
- A **René Corrêa**, Professor e Mestre e querido Coordenador do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Campus Poços de Caldas, pela amizade, carinho, confiança e grande incentivo na carreira profissional. A ele a minha gratidão e admiração.
- Ao **Edison Duarte**, Doutor e Professor, Coordenador da Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física, da UNICAMP, que tanto me honrou com sua presença na minha banca de qualificação e pelas valiosíssimas contribuições na finalização desta dissertação.
- Ao **Nélson Carvalho Marcellino**, querido Professor, Doutor e Escritor, pela excelência de suas obras que tanto têm colaborado na formação de profissionais conscientes e transformadores na área do lazer e recreação.
- Aos alunos que aceitaram participar desta pesquisa, sem os quais não teria sido possível a realização deste estudo.
- A toda a equipe da secretaria da pós-graduação, pela receptividade, eficiência e carinho demonstrado durante todo esse período que estivemos juntos.

## RESUMO

---

CORDEIRO, Heloisa Nogueira. **Lazer e Recreação: Concepções dos Alunos de um Curso de Graduação em Educação Física**. Dissertação de Mestrado em Educação. PUC-Campinas, 2005, 109p. Orientadora: Profa. Dra. Katia Regina Moreno Caiado.

---

O presente trabalho está inserido na linha de pesquisa "Universidade, Docência e Formação de Professores", e investiga as concepções de lazer e recreação dos discentes do curso de graduação de uma faculdade de Educação Física. Atualmente é grande o interesse sobre a temática lazer e recreação, principalmente nos cursos de Educação Física. Apesar desses estudos vislumbrarem o lazer e a recreação como possibilidades abrangentes na formação de um novo cidadão, notamos que os conteúdos difundidos nesses cursos se restringem a um único campo de interesse do lazer, o físico-esportivo, desconhecendo a diversidade cultural dos conteúdos que permeiam essa temática. A possibilidade de se estabelecer ações multidisciplinares sobre o lazer e a recreação se perdem com isso. Este estudo está fundamentado na concepção de lazer e recreação na visão de estudiosos da sociologia do lazer, como Dumazedier, Heloisa Bruhns, Bramante, Hélder Isayama, Christianne Werneck, e, em especial, Néilson Carvalho Marcellino, autor de inúmeras obras sobre o tema, e que tem contribuído muito para uma visão mais humanística e educativa do lazer. Fixamos como perspectiva metodológica deste estudo a investigação qualitativa, reconhecendo que pelos objetivos esta vertente nos levará a uma melhor contemplação dos dados. A análise desses dados nos mostra que as concepções de lazer e recreação dos alunos de graduação ainda são difusas, acríicas e poucos consistentes.

**Palavras-chave:** Educação Física; Formação de Profissionais de Lazer e Recreação; Concepções de Lazer e Recreação; Universidade.



## ABSTRACT

---

CORDEIRO, Heloisa Nogueira. *Leisure and Recreation: Conceptions of Students of a Graduate Course in Physical Education*. Campinas-SP. (Dissertation for Masters in Education. PUC-Campinas), 2005, 108p. Director: Prof. Katia Regina Moreno Caiado, PhD.

---

The present work follows the line of research “University, Teaching and Teacher Training”. It investigates the conceptions of leisure and recreation of students of the Graduate Course in a Department of Physical Education. Today there is great interest in the idea of leisure and recreation, principally in Physical Education courses. Although these studies highly appreciate leisure and recreation as reachable possibilities in the formation of new citizens, we have noted that the contents divulged in these courses are limited to only one field of interest of leisure, physical-sports, ignoring the cultural diversity of the contents that permeate this question. The possibility of establishing multidisciplinary actions about leisure and recreation are therefore lost because of this. This study is based on the conception of leisure and recreation from the point of view of scholars of the Sociology of Leisure like Dumazedier, Heloisa Bruhns, Bramante, Hélder Isayama, Christianne Werneck and especially Néelson Carvalho Marcellino. He is the author of innumerable works about the idea and has contributed a lot to a more humanistic and educative view of leisure. As the methodological perspective of this study we describe it as a qualitative investigation, recognizing that for its objectives this angle would lead us to a better contemplation of the data. Analysis of this data revealed that the conceptions of leisure and recreation of the graduate students are still diffuse, uncritical and very little consistent.

**Key words:** Physical Education; Training Leisure and Recreation Professionals; Conceptions of Leisure and Recreation; University.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo I</b>	
<b>A História da Educação Física e a Formação dos Futuros Docentes</b> ...	26
<b>Capítulo II</b>	
<b>Lazer e Recreação</b> .....	47
<b>Capítulo III</b>	
<b>Concepções de Lazer e Recreação dos alunos de uma turma de graduação em Educação Física</b> .....	66
1 Perfil destes Alunos .....	66
2 Como os Alunos avaliam sua formação na disciplina Teorias do Lazer .....	72
3 Concepção dos Alunos Sobre Lazer e Recreação .....	81
3.1 Concepção acrítica .....	82
3.2 Concepção crítica reprodutora .....	84
3.3 Concepção crítica transformadora .....	86
<b>Considerações Finais</b> .....	91
<b>Referenciais Bibliográficos</b> .....	98
<b>Anexos</b> .....	103
Anexo A – Questionário aplicado aos alunos	
Anexo B- Plano de Curso da disciplina Teoria do lazer	

## INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com o lazer e recreação ocorreu quando eu ainda era estudante de graduação em Educação Física e atuava, esporadicamente, em acampamentos, hotéis, clubes e pequenos eventos. Trabalhar nesses locais muitas vezes me levava tão somente a reproduzir atividades já realizadas, e onde não havia qualquer planejamento. A minha função se restringia a “animar”, com “bom humor”, as atividades ditas “recreativas”. Essa era a atitude normal.

Como eu não tinha ainda uma percepção mais profunda acerca do significado de lazer e recreação, em decorrência, principalmente, da minha formação em Educação Física, cuja ênfase era dada aos esportes em geral e à formação de atletas, em detrimento do lazer e recreação, profissionalmente falando, eu tinha a visão distorcida do “fazer por fazer”, conseqüentemente, reproduzia as atividades que a mim eram atribuídas, de forma mecânica.

Só depois de muitos anos de formada, é que voltei a ter contato com essa temática e perceber a importância de compreender mais determinados conceitos relacionados à recreação, ao lazer e à formação do profissional dessa área. Isso se deu quando fui contratada para lecionar a disciplina Recreação e Lazer e Sociologia do lazer, num curso de graduação em Educação Física, de uma faculdade privada, no interior de São Paulo.

A necessidade de estudar os aspectos relativos a esse tema surgiu tanto da preocupação de entender mais e melhor sobre a temática, quanto

do interesse em promover um diálogo de qualidade entre os meus alunos, numa perspectiva mais ampla de teoria e da prática da recreação e lazer.

À medida que ia aprofundando a pesquisa na área, via crescendo o grande interesse que o lazer despertava em diferentes segmentos da sociedade atual, mas também pude perceber como esse termo vem sendo utilizado erroneamente, de diversas formas, de preferências e juízos de valor, o que, na maioria das vezes, dificulta a sua compreensão (MARCELLINO, 1983).

Vivemos em uma sociedade que ainda supervaloriza o trabalho e que aponta o lazer como algo não sério, descompromissado e destituído do seu valor enquanto possibilidade de descanso, divertimento e desenvolvimento. Frequentemente ele é associado apenas à fuga da realidade, já que é considerado como uma lacuna a ser preenchida, ou é aproveitado para combater o estresse advindo do trabalho desgastante, e que está presente na vida da maioria das pessoas.

Outro aspecto importante a ser destacado aqui, sobre a vivência do lazer é a sua ligação ao ideal de consumo exacerbado e alienado de bens materiais e de serviços “recreativos”.

A sociedade capitalista encontrou na indústria do entretenimento possibilidades de expandir o consumo através da mercantilização do lazer. Apropriando-se dos recursos oferecidos pela mídia, ela introduz novas possibilidades de desfrute do lazer, que, segundo Werneck (2002, p.30), “é a mídia quem nos apresenta formas atraentes de lazer como se elas fossem acessíveis a todos, e não apenas a uma privilegiada minoria”.

Se outrora as atividades de lazer aconteciam espontaneamente, por ser o lúdico intrínseco ao homem, (daí *Homo Ludens*, segundo Huizinga, 1990) hoje estas atividades, esses prazeres são vendidos a preços exorbitantes.

Por isso, o lazer contemporâneo vem assumindo um outro significado o do lazer *consumo*. Para se divertir, o homem contemporâneo precisa de

mega eventos, viagens paradisíacas, esportes radicais, muita adrenalina, muita roupa bonita, corpo malhado... E isso gera muito consumo.

Os “pacotes de lazer”, são organizados com uma única intenção, que é o consumo com vistas ao prazer e o descanso. Essa estratégia no entanto é perigosa, e deixa a população frustrada, já que é muito grande a distância que se estabelece entre os sujeitos efetivamente envolvidos; a atuação não está vinculada à realidade local e o lazer não é construído coletivamente, com base na realidade cotidiana da comunidade ou do grupo específico. Tudo é elaborado e oferecido visando um consumo inatingível para a população mais carente de recursos financeiros.

Por isso, a sociedade caracterizada pela valorização da produção e do consumo alienado de bens de serviços entende o lazer como mais uma de suas valiosas mercadorias, um produto rentável da sociedade de consumo que objetiva, principalmente, a fuga de problemas surgidos em nosso cotidiano, bem como a distração e o entretenimento alienados. (WERNECK. 1998).

Sob essa ótica, o lazer vai ao encontro da ideologia dominante, desconsiderando os conflitos e as contradições presente em nosso meio. Essa forma de apropriação do lazer geralmente tem seus significados incorporados aos valores que imperam em nosso contexto, direcionado para a manutenção de uma estrutura social injusta e desigual.

Diante de todas as indagações sobre essa temática, pela escassez de estudos que envolvem as discussões sobre o assunto, na formação do profissional de Educação Física, e por vir crescendo grandemente o interesse e a procura por cursos relacionados a esta área, principalmente nas faculdades de Educação Física, é que foi feita essa pesquisa, tendo por objetivo diagnosticar e analisar as concepções de lazer e recreação de alunos de um curso de Educação Física, fomentar discussões, reflexões e maior aprofundamento sobre a formação do futuro profissional, buscar alternativas entre os estudiosos do lazer e recreação a fim de que o futuro profissional tenha uma visão mais crítica, reflexiva e mais ampla sobre o

fenômeno abordado, e conseqüentemente uma prática refletida e transformadora.

Entre as divergências encontradas nos cursos de Educação Física estão as relacionadas com o conteúdo programático das disciplinas ministradas nestes cursos, tendo-se a impressão de que essa heterogeneidade de conteúdos seja decorrente da falta de um maior aprofundamento no campo de estudo do lazer e da recreação.

Apesar do lazer mostrar diferentes perspectivas<sup>1</sup>, muitos cursos de Educação Física, só oferecem em seu currículo, uma das inúmeras possibilidades de lazer, as atividades físico-esportivas, talvez porque seja a que desenvolve atividades voltadas mais às práticas corporais, jogos, brincadeiras, ginástica e esportes em geral.

No entanto, segundo ISAYMA (2002), sabe-se também que o profissional qualificado para atuar na área do lazer necessita apreender o conjunto de possibilidades que esta prática oferece. Os conteúdos não devem estar relacionados apenas às atividades físico-esportivas, isso representaria um único campo de interesse. O acadêmico de Educação Física deve estar apto a lidar com a multiplicidade de interesses que compõem o lazer, pois a restrição a um único conteúdo cultural, elimina a diversidade cultural que o permeia.

Daiolo (1998) amplia a visão superficial de cultura em Educação Física, quando afirma que isso traz dificuldades na atuação do profissional, já que esta é uma área muito ativa que trabalha com o homem, sem desvinculá-lo de sua condição cultural. O autor defende o conceito de cultura como fator primordial, pois as manifestações corporais são produzidas no interior de determinada cultura e se manifestam de diferentes maneiras dentro do contexto de grupos específicos. Daí, a importância do entendimento ampliado

---

<sup>1</sup> O lazer pode ser desenvolvido em diferentes perspectivas. Em nosso meio, a classificação mais difundida foi elaborada por DUMADIZIER (1979), distinguindo cinco campos fundamentais: os interesses físico-esportivos, os sociais, os artísticos, os manuais e os intelectuais. Esses campos estão intimamente relacionados, sendo diferenciados apenas para denotar a diversidade cultural que integra o lazer. Dessa forma, seria fundamental procurar alternativas de lazer com enfoques diferenciados que abrangessem os vários interesses, ampliando o nosso acervo de experiências.

de cultura no âmbito das disciplinas sobre o lazer, nos currículos de graduação em Educação Física.

Neste contexto, segundo aponta ISAYAMA (2002, p.43)

Sinto falta do lazer como uma outra possibilidade que os currículos poderiam estar enfatizando, tendo em vista uma compreensão ampliada de lazer e as possibilidades de estudo, de formação e de atuação que oferece na área da Educação Física.

Outro ponto importante diz respeito à aptidão do licenciado em Educação Física. Isso significa que este profissional deverá focar muito mais que os conteúdos físico-esportivos, devem integrar todos os outros conteúdos, segundo a classificação de Dumadizier (1980): o conteúdo manual, o artístico, o intelectual e o social. Dessa forma, ainda segundo o autor:

... um entendimento mais amplo sobre o currículo, que poderia deixar de ser visto apenas como um rol de disciplinas ou programas e passaria a ser compreendido como as diferentes vivências que são organizadas para contribuir com a formação de sujeitos críticos, criativos e sensíveis às mudanças históricas e culturais de nossa sociedade. (ISAYMA. 2002, p.40)

Acreditamos ser essa a visão que devemos ter acerca dos cursos de graduação em Educação Física, inclusive na formação do profissional de Lazer e Recreação, contribuindo para uma sólida e ampla formação deste aluno.

Werneck e Isayama (2000) consideram que mais importante que sugerir disciplinas visando maior aprofundamento em lazer e recreação no currículo dos cursos de graduação em Educação Física, seria criar eixos temáticos que serviriam de subsídios para o aprofundamento em lazer, dentro do contexto dos cursos de graduação em Educação Física.

Eles sugerem os seguintes eixos temáticos:

- ⇒ Lazer e Sociedade (fundamentos do lazer, enquanto uma problemática social);
- ⇒ Lazer e Produção de Conhecimento (o lazer enquanto um campo sistemático de estudo);
- ⇒ Lazer e Educação (o lazer e os componentes do processo de ensino);
- ⇒ Lazer e Educação Física (relações estabelecidas entre o lazer, a recreação e a Educação Física no Brasil);
- ⇒ Lazer e Diversidade Cultural (contribuições da antropologia; o lúdico como elemento da cultura, mídia e influência dos meios de comunicação);
- ⇒ Lazer e Cidadania (o lazer e as políticas sociais);
- ⇒ Lazer e Meio Ambiente (lazer, ética e educação ambiental);
- ⇒ Lazer e Mercado de Trabalho (globalização, indústria cultural do entretenimento, serviços do lazer);
- ⇒ Gestão do Lazer (visão geral da administração, planejamento, execução e avaliação de projetos/ações de lazer);
- ⇒ Lazer e Espaço (espaço e sociedade, espaços de lazer). (WERNECK, ISAYAMA. 2000, p.99).

Ainda segundo eles, esse levantamento inicial significa apenas sugestões de temas que podem ser desdobrados em várias disciplinas, visando aprofundar o conhecimento sobre o lazer, dentro dos currículos de graduação em Educação Física. Ressalta que a definição das disciplinas, assim como ementa, conteúdo programático e carga horária de cada uma delas, poderão abranger ou não a totalidade desses assuntos, de acordo com a possibilidade de cada Instituição de Ensino Superior (IES), com o perfil profissional desejado e com as peculiaridades regionais.



Outro aspecto fundamental nesse processo, é buscar o equilíbrio entre a teoria e a prática, relacionando-os mutuamente durante todo o curso, e não apenas nas etapas finais da graduação.

Anastasiou e Pimenta (2002), sustentam a importância do estágio no processo de formação dos futuros profissionais, pois é na prática que a teoria pode ser compreendida na sua essência e esta se intencionaliza pela teoria. Essa relação, teoria e prática, é fundamental nesse processo. O estágio também pode servir de espaço para projetos interdisciplinares, ampliando a compreensão e o conhecimento da realidade.

Buscou-se, através desta pesquisa, identificar e refletir sobre as concepções do lazer e recreação trabalhadas neste Curso de Educação Física, e de que forma elas refletem na atitude do professor que leciona disciplinas afins, e dos futuros egressos. Pretendeu-se, igualmente, identificar, junto aos alunos envolvidos, qual a importância que eles dão à educação *para* e *pelo* lazer, que contribui no desenvolvimento integral do homem. Para isso, foi preciso identificar, entre outras coisas, a concepção dos alunos acerca da temática lazer e recreação.

A perspectiva metodológica deste estudo é a pesquisa de natureza qualitativa, que visa analisar as concepções permeadas pela subjetividade dos sujeitos, com suas peculiaridades, pois o homem é por excelência, um ser histórico e cultural.

Segundo Chizzotti (2001, p.79)

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Reportando-nos a Bogdan e Bilken (2003, p.47-50) verificamos que eles definem na pesquisa qualitativa cinco características:

- 1) Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.
- 2) A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografia, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Os investigadores qualitativos tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em estes foram registrados ou transcritos.
- 3) Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
- 4) Os investigadores qualitativos tendem a analisarem os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.
- 5) O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.

Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objectivo de perceber "aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem (PSATHAS. 1973). Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflecte uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra.

Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram: questionário com perguntas fechadas e abertas, entrevista estruturada com o professor da disciplina Teoria do Lazer e pesquisa bibliográfica.

A escolha do questionário como um dos instrumentos utilizados em nossa pesquisa pautou-se pelo fato de atingir o maior número possível de indivíduos para coleta de dados, e também é o que abrange um conjunto de questões que suscita respostas mais objetivas nos informantes.

O questionário consiste em um conjunto sistemático de questões pré-elaboradas, e seqüencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito, ou verbalmente, sobre o assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada. (CHIZZOTTI. 2001, p.55)

Para aplicar esse questionário, primeiro nós definimos a população. Em seguida, fixamos o critério de escolha da população, cujos sujeitos já tivessem cursado a disciplina Teoria do Lazer. Selecionamos, aleatoriamente, 96 alunos, e a aplicação ocorreu em sala de aula, conforme entendimento com o professor.

Segundo Chizzotti (2001, p.46)

A amostragem é uma técnica utilizada quando o universo é muito grande ou é impossível contatar a totalidade dos elementos que o compõem. A operacionalização da população a ser estudada se baseia em alguns critérios que procuram minimizar as probabilidades de erro.

O Anexo I do questionário continha 12 questões, sendo 10 fechadas, que segundo Chizzotti (2001, p.45): "nas questões fechadas, a resposta está limitada aos itens preestabelecidos", e 2 questões abertas, que ainda segundo Chizzotti (2001, p.45): "nas questões abertas, diante de um esquema de perguntas o interlocutor formula sua resposta."

As questões foram formuladas objetivamente, sendo compatíveis com o nível de informação dos alunos, a fim de obtermos dados mais fidedignos na confirmação das hipóteses a respeito das concepções de lazer e recreação. Chizzotti (2001, p.55-56) pontua que:

O pesquisador saiba claramente as informações que busca, o objetivo da pesquisa e de cada uma das questões, o que e como pretende medir ou confirmar suas hipóteses. É uma tarefa que exige critério e planejamento para exaurir todos os aspectos dos dados que se quer obter, sem negligenciar os aspectos essenciais da pesquisa. E o informante compreenda claramente as questões que lhe são propostas, sem dúvidas de conteúdo com termos compatíveis com seu nível de informações, com condição e com suas reações pessoais.

A pesquisadora fez primeiramente a entrevista com o professor da disciplina, para verificar se as questões estavam compatíveis com o nível de informação dos alunos, e para obter dados importantes a respeito dos conteúdos de lazer e recreação oferecidos pela disciplina Teoria do Lazer. Na entrevista com o professor foram abordadas questões referentes ao programa disciplinar (ementa, objetivos, conteúdos, metodologia, avaliação, bibliografia básica e complementar), e principalmente, a fundamentação filosófica do professor.

O principal enfoque do questionário foi checar as concepções de lazer e recreação dos alunos, o que foi abordado na última questão aberta do questionário.

Para chegar a esta questão final, a pesquisadora estabeleceu o seguinte critério: partir das questões fechadas que abordavam assuntos referentes à disciplina Teoria do Lazer (relação teoria e prática, estágio, elaboração e implantação de projetos de lazer e recreação, papel do animador cultural ou recreacionista, lazer consumo, lazer crítico-reflexivo, políticas públicas de lazer), para proporcionar aos alunos um “aquecimento de idéias”, a fim de que estes chegassem às questões abertas com um pensamento mais elaborado, para respondê-las.

Escolhemos a entrevista por se ajustar à vertente metodológica da pesquisa qualitativa que optamos para essa investigação. Acreditamos que a entrevista facilita a comunicação entre o pesquisador e o sujeito, chegando mais facilmente às informações desejadas.

A entrevista dirigida em pesquisa é um tipo de comunicação entre o pesquisador que pretende colher informações sobre os fenômenos e indivíduos que detenham essas informações e possam emití-las. As informações colhidas sobre os fatos e opiniões devem constituir-se em indicadores de variáveis que se pretende explicar. É pois, um diálogo preparado com objetivos definidos e uma estratégia de trabalho. (CHIZZOTTI. 2001, p.57).

Para a realização da entrevista partimos primeiro do contato com o professor da disciplina Teoria do Lazer, a fim de sondar a possibilidade do mesmo nos conceder uma entrevista. Em seguida, marcamos o local, dia e o horário da entrevista. Depois, formulamos as questões, de acordo com o tema. Uma semana antes da entrevista, estabelecemos um novo contato com o professor, e apresentamos a ele as questões que seriam abordadas na entrevista, para que o mesmo ficasse a par dos objetivos da entrevista e de cada questão.

Alguns riscos de erros podem ser minimizados com a explicação prévia dos objetivos e fins que se almeja com a entrevista, com a escolha de um local e horário conveniente ao entrevistado e com a criação de um clima de colaboração e confiança. (CHIZZOTTI. 2001, p.58)

A entrevista ocorreu em outubro de 2004. Utilizamos um gravador e fomos para uma sala isolada, a fim de evitar interferências durante a mesma. Ao final desta, transcrevemos as informações obtidas, respeitando o vocabulário dos envolvidos bem como o estilo utilizado para as respostas. A transcrição foi entregue ao professor, a fim de que este pudesse alterar

alguns dados, caso achasse necessário. O professor fez pequenas alterações e concordou que a entrevista concedida por ele, fosse utilizada nessa dissertação. Nosso último passo, foi a análise qualitativa da entrevista, a partir dos dados obtidos, relacionando-os com a nossa fundamentação teórico-filosófica. Concomitantemente, realizamos uma análise do programa da disciplina, com o objetivo de conhecer as concepções de lazer e recreação do professor e os conteúdos desenvolvidos baseados nas respostas dos alunos e do professor.

A importância da pesquisa bibliográfica nesta dissertação, consiste em permitir ao pesquisador um maior aprofundamento do tema, conhecer o estado atual do problema da pesquisa, as investigações já realizadas sobre o assunto, seus resultados, explicação e controvérsia.

A documentação é uma etapa necessária para se identificar as questões relevantes do problema e defini-lo com rigor, já que ele será objeto de pesquisa, assim como os fundamentos teóricos, nos quais o pesquisador se baseará, quando de sua análise. (CHIZZOTTI. 2001, p.122).

A pesquisa bibliográfica desenvolveu-se a partir do levantamento inicial feito nas bibliotecas do Curso de Educação Física da PUC-Campinas, da UNICAMP e da PUC-Minas.

Realizamos uma criteriosa revisão da literatura em livros, revistas, periódicos, anais, artigos, coletâneas e dissertações, em busca de material que servisse de embasamento teórico para o nosso estudo. O levantamento das fontes documentais revelou-se insuficiente, tendo sido completado com a consulta em sites, na Internet.

Buscamos nossa fundamentação teórica também em alguns autores da Sociologia do Lazer, cujo enfoque está voltado para o lazer como um fenômeno social, que possibilita, através de práticas educativas, a formação de indivíduos críticos e participantes da sociedade. Essa compreensão emancipatória, supera a idéia de que para ter lazer é preciso seguir as

normas impostas pela sociedade de consumo. Uma educação *pelo e para* o lazer, leva os praticantes à denúncia e à renúncia ao lazer baseado na cultura dominante, e busca novas formas de praticar o lazer, livres desse poder de controle.

Isayma (2002), aponta que a visão crítica do lazer, reafirma sua dimensão política. Nessa perspectiva, a idéia de lazer multicultural é coerente com os valores de uma sociedade democrática, que respeita o pluralismo. Implementar um lazer para todos, significa levar os praticantes à capacidade de opinar, criticar e participar das decisões tomadas no que se refere a seus momentos de entretenimento.

Há assim, uma corrente que enfatiza o lazer como mercadoria-simples, entretenimento que objetiva desviar a atenção das pessoas, consideradas apenas como consumidoras de mais um serviço - ajustando e ajudando os indivíduos a conviver com as injustiças da sociedade. A outra corrente entende o lazer como gerado sócio e historicamente, possibilitando o desenvolvimento de valores questionadores da ordem estabelecida e colaborando com a formação de indivíduos críticos e participantes da sociedade. (MARCELLINO *apud* SANTOS LIMA *et.al.*, 2002, p.131).

Entre os autores aqui referenciados, destacamos Néelson Carvalho Marcellino. Ele é considerado, na atualidade, a mais expressiva referência bibliográfica sobre o tema. Publicou, entre outras obras, versando sobre o assunto, as mais importantes: *Lazer e Humanização* (8.ed. 2004); *Lazer e Educação* (11.ed. 2004) e *Pedagogia da Animação* (6.ed. 2004). Esses, e inúmeros outros trabalhos organizados pelo autor (que foram citados nesta dissertação), constituem hoje o arcabouço teórico que fundamenta o conjunto dos estudos realizados sobre o lazer, no Brasil.

Em relação ao Capítulo I, que trata especificamente da história da Educação Física entre os séculos XIX e XX e início do século XXI, além de apresentar aspectos fundamentais à formação superior do professor de educação física, foram feitas considerações a respeito das especificidades

que o futuro docente deve possuir na área de Recreação e Lazer. Este capítulo foi construído a partir de dados que coletamos na pesquisa bibliográfica em que utilizamos obras já conceituadas na área da Educação Física.

Partimos de uma análise da tendência higienista, militaresca e reprodutora da Educação Física predominante na Europa e no Brasil, do século XIX e XX. Chegamos ao novo paradigma que emerge no início deste novo milênio (a educação física mais crítica, inclusiva, cooperativa, sistêmica e transformadora). Este deve ser caracterizado como fundamentação teórica para compreendermos a construção das novas perspectivas da educação física no Brasil. Este capítulo constitui o eixo norteador das relações entre a construção das novas perspectivas para os cursos de graduação em Educação Física no Brasil, e a formação dos professores de educação física, destacando também, especificamente a formação do profissional em lazer e recreação.

Neste sentido, buscou-se uma literatura que servisse de base às origens desses novos pensamentos para os cursos de Educação Física.

Em relação à história da educação física no Brasil, foram pesquisadas as obras de vários autores, tentando analisar os dados apresentados em relação aos propósitos desta dissertação.

As obras utilizadas foram as de : Medina (1983), Lino Castellani (1995), Wagner Wey (2000), João Batista Freire (1989), Gallardo (1998), Gebara (2000), entre outros.

Em relação à formação do professor universitário de Educação Física (enfocando o futuro profissional de Lazer e Recreação), fomos buscar fundamentação em Néelson Carvalho Marcellino (2004), Wey Moreira (2000), Costa (1993), Freire (1989), Cauduro (2003), Betti e Galvão (2001), entre outros.

Para elaboração e dissertação do Capítulo II, que enfoca o tema Lazer e Recreação, também fomos consultar várias obras, de diversos autores, especialmente, as de Néelson Carvalho Marcellino (2004), que tem



contribuído muito para uma visão mais humanística do lazer, tanto na área da Educação Física, como Turismo, Pedagogia, Psicologia, Administração, entre outras. Nestas obras encontramos uma preocupação muito grande para resgatar valores humanos que o homem vem perdendo ao longo da história da humanidade, principalmente depois do advento do capitalismo.

Marcellino (2004) cita em sua obra, *Pedagogia da Animação*, que através de uma educação pelo e para o lúdico, é possível resgatar a alma do homem, voltar a fazê-la vibrar (alma, *anima*-animar: fazer vibrar a alma). "Nesta linha de pensamento, recuperar a alma é sair deste abismo de alienação que nos encontramos, e perceber nosso direito ao prazer" (ALVES. 2004, s/p.).

Consultamos também: Dumazidier (2004), Luiz Otávio Camargo (1992), Heloisa Turini Brhuns (2002), Gustavo Guitierrez (2002), Antônio Carlos Bramante (2000), Christianne Werneck (2000), Edmur Antônio Stoppa (1999), Hélder Ferreira Isayama (2002), Pablo Waichaman (2002), entre outros.

O capítulo III apresenta a pesquisa de campo, propriamente dita, realizada em uma Faculdade de graduação em Educação Física, com alguns alunos e o docente da cadeira, "Teoria do Lazer".

Nas considerações finais analisamos os resultados obtidos no questionário, frente aos dados obtidos na entrevista com o professor da disciplina Teoria do Lazer, e com nossa pesquisa bibliográfica, e apresentamos algumas sugestões para uma eventual solução dos problemas analisados.

A nossa preocupação com este estudo, esteve voltada para uma abertura de novos caminhos, baseado não só na concepção humanística como também na visão social do lazer e da recreação, para que sejam mais discutidas, estudadas, pesquisadas e difundidas nos cursos de graduação.

Que a nossa proposta tenha conseguido alcançar o objetivo principal desse estudo, fazer com que o lazer e a recreação como formas de estratégia

e engajamento político, possam mobilizar e comprometer nossos alunos e professores, através de uma educação para e pelo lazer, de serem verdadeiros agentes de transformação social, através de uma prática refletida e transformadora.

## **CAPÍTULO I**

### **A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E A FORMAÇÃO DOS FUTUROS DOCENTES**

A abordagem que pretendemos fazer nesse Capítulo I, diz respeito à formação do futuro professor de Educação Física, considerando as especificidades referentes a área do Lazer e Recreação. Para nos situarmos mais precisamente perante os fatos, partiremos de um breve histórico da Educação Física, procurando analisar as correntes filosóficas que estiveram presentes ao longo de sua história afim de compreendermos com mais clareza o momento atual pelos quais passam os cursos de licenciatura em Educação Física.

Nos tempos mais longínquos, a Educação Física esteve vinculada a instituições militares e à medicina.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) da Educação Física (1997, p. 4)

Esses vínculos foram determinantes, tanto no que diz respeito à concepção da disciplina e suas finalidades quanto ao seu campo de atuação e à forma de ser ensinada.

Visando melhorar a condição de vida, muitos médicos assumiram uma função higienista e buscaram modificar os hábitos de saúde e higiene da população.

Acompanhando as tendências que predominavam na Europa, em diferentes campos do saber, existia a preocupação de construir um novo homem, que pudesse dar suporte à nova ordem política, econômica e social emergente. O objetivo era formar "um indivíduo forte, saudável, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país", diz Castellani Filho (1988, p.39).

A classe médica brasileira, a exemplo do que acontecia em toda a Europa, assumiu então a tarefa de reformular os hábitos higiênicos da família, libertando-a dos vícios do período colonial.

Segundo Gallardo (1998, p. 16)

Para alcançar seus objetivos, os higienistas recorreram à Educação Física. Com base em critérios estabelecidos pelas Ciências Biológicas, encarregou-se de implementar programas disciplinares e de exercitação corporal nas escolas, a fim de desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos, tornando-os aptos à construção da nova sociedade.

As aulas começaram a ser preparadas e ministradas, separando-se meninos de meninas; os objetivos eram diferentes: homens produtivos, fortes, futuros militares; mulheres femininas, boas reprodutoras, futuras donas de casa.

Segundo Gallardo (1998), identificados como estavam com a camada branca dominante, os higienistas acabaram contribuindo para a marginalização de todos aqueles que, por razões étnicas ou socioeconômicas, não se encaixavam no modelo anatômico forjado por eles. No entanto, embora os métodos higienistas ratificassem o domínio da burguesia branca, esta não via com bons olhos a implantação da educação física obrigatória nos currículos dos colégios aonde seus filhos estudavam. Para as classes dominantes, o exercício físico era lazer, preenchimento do ócio e do tempo livre e não deveria ser elevado à mesma condição das atividades intelectuais que elas valorizavam, e se instalava, nesse momento, a dicotomia corpo-mente.

Além disso, havia no pensamento político e intelectual brasileiro da época, uma forte preocupação com a eugenia. Como o contingente de escravos negros era muito grande, havia o temor de uma mistura que "desqualificasse" a raça branca. Dessa forma, a educação sexual associada à Educação Física deveriam inculcar nos homens e mulheres a responsabilidade de manter a "pureza" e a "qualidade" da raça branca. (Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, - 1997, p.4).

Nesse contexto de total discriminação, destacou-se a defesa de Rui Barbosa, cuja ampla visão sobre a importância da atividade corporal na formação do indivíduo exerce influência até hoje. Eis um trecho de seu parecer sobre o Projeto nº 224, de 1882, que trata da reforma do ensino primário:

A ginástica não é um agente materialista, mas, ao contrário, uma influência tão moralizadora quanto higiênica, tão intelectual quanto física, tão imprescindível à educação do sentimento e do espírito quanto à estabilidade da saúde e ao vigor dos órgãos. Materialista, de fato é sim a pedagogia falsa que, descurando o corpo, escraviza irremissivelmente a alma à tirania odiosa das aberrações de um organismo solapado pela debilidade e pela doença. Nessas criaturas desequilibradas, sim, é que a carne governará sempre, fatalmente o espírito, ora pelos apetites, ora pelas enfermidades (...) Quão deplorável é que verdades desta comezinha singeleza sofram ainda contestação entre nós, e por homens que figuram nas mais altas eminências do país! (GALLARDO, 1998, p.16)

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, a Educação Física escolar passou a ganhar uma nova influência, a dos militares. Além da necessidade de atender à demanda da ordem econômico-industrial, que exigia trabalhadores habilidosos, saudáveis e capazes de resistir às longas rotinas motoras de trabalho, existia agora a preocupação de "preparar para os combates", de formar corpos ágeis e fortes. Gebara (2000, p.18) cita que:

Esse primeiro tratamento militarista dado às questões incorporadas pela denominação Educação Física tem a virtude de evidenciar um referencial teórico que, não obstante simplista, coloca com bastante evidência e ênfase de, através da ginástica, formar um soldado mais dócil, mais corajoso e mais subordinado. Em suma, trata-se de disciplinar o corpo como pressuposto para a formação de novo homem-cidadão, que ao deixar as armas, "transferisse" a seus filhos e concidadãos as resultantes do treinamento possibilitado pela ginástica.

Segundo Gallardo (1998), foi criado, em 1907 a primeira escola de formação de instrutores de Educação Física, a Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, e, em 1922, o centro Militar de Educação Física do Rio de Janeiro, que passou a contratar militares para serem professores/instrutores de ginástica nas escolas.

Com isso, a formação do professor de educação física no Brasil, procurou dar continuidade ao ideário médico higienista / eugenista. Os militares ministravam aulas nas escolas, contaminados pelos princípios positivistas de que o homem é um ser definido e explicado biologicamente, com desigualdades naturais e sociais, e introduziram em seus ensinamentos a preocupação com a formação de futuros militares.

A Educação Física tornou-se então militarista, destacando-se o adestramento físico como maneira de preparar o aluno para o cumprimento do seu dever de defender a nação dos perigos internos e externos. Surgem, nesse período, diversas abordagens ginásticas no Brasil, tais como o método francês, a calistenia, o método natural austríaco, em substituição ao método alemão aqui introduzido em 1860. (GALLARDO, 1998, p.17)

Logo que foram implantados os cursos de Educação Física, os conteúdos que receberam maior atenção foram os provenientes das Ciências Biológicas – sobretudo, da Biologia, da Anatomia e da Fisiologia –. Ensinava-se ao futuro professor como fortalecer o corpo de um indivíduo por meio de

exercícios e o que fazer para manter o organismo saudável e resistente às condições de trabalho.

Assim, o enfoque principal das aulas era a atividade para o desenvolvimento das capacidades orgânicas dos indivíduos: resistência, força, velocidade e potência. Outras capacidades, tais como a coordenação motora, a flexibilidade e o equilíbrio, também eram consideradas, por serem necessárias ao trabalho na indústria, mas, como essas habilidades se aprimoram com a prática do dia-a-dia, inicialmente não houve preocupação com o desenvolvimento sistemático delas.

A principal crítica à formação do professor de educação física no Brasil, do período que vai até a década de 70 era a da visão biologista, que se preocupava com o aprimoramento físico do adolescente e do adulto jovem, sem levar em conta, na maioria das vezes, a totalidade dos indivíduos envolvidos no processo.

Na década de 70, a Educação Física ganhou, mais uma vez, funções importantes para a manutenção da ordem e do progresso. O governo militar investiu na Educação Física em função de diretrizes pautadas no nacionalismo, na integração nacional (entre os Estados) e na segurança nacional, tanto na formação de um exército composto por uma juventude forte e saudável, como na tentativa de desmobilização das forças políticas oposicionais. As atividades esportivas também foram consideradas como fatores que poderiam colaborar na melhoria da força de trabalho para o "milagre econômico brasileiro". Nesse período estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo. Um bom exemplo é o uso que se faz da campanha da seleção brasileira de futebol, na Copa do Mundo de 1970. (Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, - 1997, p.7).

Com a aceleração industrial do pós-guerra, e, simultaneamente, com a crescente urbanização e diversificação dos meios de comunicação de massa, a prática de esportes nas escolas alcançou um desenvolvimento sem precedentes.

Entendia-se que o esporte levaria a criança a compreender que entre ela e o mundo existiam os outros indivíduos, e que para a convivência social é importante a obediência a regras claras e precisas. Na prática esportiva, o aluno aprende a vencer, através do esforço pessoal, e a conviver com vitórias e derrotas. Surgem as competições esportivas; estabelecem-se padrões de conduta muito parecidos com a estrutura autoritária na qual estão inseridas; chega-se à forma ideal de "adaptação social".

Em relação ao âmbito escolar, a partir do decreto 69.450, de 1971, se considerou a Educação Física como "a atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando... A falta de especificidade do decreto manteve a ênfase na aptidão física, tanto na organização das atividades como no seu controle e avaliação. A iniciação esportiva, a partir da quinta série, se tornou um dos eixos fundamentais de ensino; buscava-se a descoberta de novos talentos que pudessem participar de competições internacionais, representando a pátria. Nesse período, o chamado "modelo piramidal" norteou as diretrizes políticas para a Educação Física: a Educação Física escolar, a melhoria da aptidão física da população urbana e o empreendimento da iniciativa privada na organização desportiva para a comunidade comporiam o desporto de massa que se desenvolveria, tornando-se um desporto e elite, com a seleção de indivíduos aptos para competir dentro e fora do país. (Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, p. 7).

Já na década de 80 os efeitos desse modelo começaram a ser sentidos e contestados. O Brasil estava ainda aquém de ser o país da Olimpíada, e a competição esportiva da elite não acompanhava o movimento olímpico mundial, de forma significativa. Iniciou-se então uma profunda crise de identidade nos pressupostos, e, no próprio discurso da Educação Física, provocando uma expressiva reformulação na política educacional vigente.

Segundo Wagner Wey Moreira (2000, p.9)

As décadas de 70 e 80 caracterizaram-se por importantes modificações no quadro da Educação Física brasileira.



Passamos de uma situação onde verdades absolutas eram transmitidas para, através de reflexão crítica, adentrarmos em um período de crise (entendida aqui como uma oportunidade de mudança). Nessa passagem muito foi dito e escrito, o que nos permite afirmar que a produção teórica dessas duas décadas suplanta, qualitativamente e quantitativamente, tudo o que já vinha sendo redigido na área da Educação Física e do esporte.

Ao final da década de 80 uma nova concepção de Educação Física e conseqüentemente a formação do professor desta área começou a se estruturar, baseada no estudo das influências que o meio físico e social tem sobre o desenvolvimento humano; utilizando-se dos conhecimentos da Antropologia, da Psicologia, da Filosofia, da Sociologia e da História, pois estes nos fornecem uma visão crítica da realidade, e permite-nos entender o papel do docente de educação física na complexa sociedade em que vivemos.

Segundo Gallardo (1998), essa nova concepção sociocultural, considera o homem como um ser integrado, físico e socialmente, em constante mutação; historicamente situado na sociedade ele é afetivo, o que lhe dá possibilidades de se relacionar harmoniosamente com o outro(s) e com o próprio ambiente físico; é social, o que lhe permite interagir com os pares; tem capacidade crítica e criativa, o que lhe permite ver o mundo, compreendê-lo e transformá-lo, tudo isso com uma educação humanizadora, aonde as propostas pedagógicas valorizam e potencializam essas suas qualidades.

Por isso, não é mais possível conceber uma escola que aliena, que discrimina, que exclui o professor de educação física, e sim uma escola, em que o docente de educação física participa do processo de evolução do homem como agente de transformação social.

Como bem enfatiza Gallardo, (1998, p.25) "Entender a Educação Física escolar como espaço que contribui para o estudo e a vivência do lazer, da comunicação, da cultura, da qualidade de vida".

Segundo Medina, (1983, p.35)

A Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade. É preciso que seus profissionais destinjam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar mais, dentro, é claro, das regras construtivas do diálogo. O progresso, o desenvolvimento, o crescimento advirão muito mais de um entendimento diversificado das possibilidades da Educação Física do que através de certezas monolíticas que na verdade não passam, às vezes, de superficiais opiniões ou hipóteses.

Segundo Medina (1983, s/p), “a Educação Física precisa entender o homem como um todo harmonioso”, seus gestos, suas atitudes corporais, têm a ver com a cultura que carrega. Por exemplo, o “correr” de uma criança, não é o mesmo do de um adulto; o “andar” de um trabalhador da zona rural, não é o mesmo do de um executivo; como o “andar” de uma mulher não é o mesmo do de um homem.

O caminhar da pessoa de uma classe social carente não tem o mesmo significado do caminhar de alguém vindo de uma classe social mais favorecida. O mesmo podemos dizer a respeito de cada movimento humano, que não se repete de forma idêntica, não só de uma pessoa para a outra mas também se diferencia na mesma pessoa em momentos distintos. O ser humano se movimenta sempre de uma forma simbólica e expressiva. Aquele que não procura interpretar estas significações não pode estar sabendo exatamente o que está fazendo. (MEDINA, 1983, p.21)

Logo, os professores de educação física têm que ter uma percepção muito aguçada para interpretar as diferenças culturais e corporais que seus alunos trazem na sua bagagem. Não podemos mais aceitar o professor de

educação física que se preocupa apenas em formar atletas, ou com a performance de seus alunos, ou pior ainda, que literalmente deixa "rolar a bola", alienado, acrítico, sem consciência de seu verdadeiro papel de educador, de seu compromisso de formar alunos criativos, construtores e transformadores.

Segundo Medina (1983) é preciso dar ênfase para a cultura do corpo, nesse sentido, o novo profissional de educação física terá a função básica de agente renovador e transformador não apenas na teoria, como também, na prática, gerando mudanças. "Não pode haver uma dicotomia entre teoria e prática, pois qualquer prática humana, sem uma teoria que te dê suporte, torna-se, uma atitude tão estéril quanto uma teoria distante de uma prática ausente". (MEDINA, 1983, p.68)

Enquanto os profissionais da Educação Física, não se aprofundarem nessa visão, procurando penetrar em sua realidade de forma concreta, compreendendo-a nas raízes históricas, pela reflexão crítica e pela ação, não serão capazes de promover conscientemente o homem para níveis mais altos de vida, em busca de ampliar seus horizontes. Segundo Cauduro (2003), não podemos dividir ou fragmentar o extenso campo de atuação do professor de educação física, pois esta área é bastante complexa, trabalha muito além do físico.

A autora (2003, p.32) ainda afirma que:

Somos simultaneamente seres cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais, etc... e nossa "disciplina" trabalha com esse *ser* tanto na área da saúde quanto da educação. Não podemos dividir, fragmentar em áreas de conhecimentos (específicos) quando a proposta mundial no momento é trabalhar com a complexidade.

As mudanças que nossa sociedade está vivendo nos apontam para um profissional para atuar "nas areias movediças" como diz Imbernón (apud CAUDURO, 2003, p.32), nas incertezas.

Essa afirmação se fundamenta no conceito de verdade a cerca das ciências, dos fenômenos naturais onde nada é absoluto, nem tudo pode ser mensurado quantitativamente, e nem se pode ter uma visão linear dos acontecimentos, pois os fenômenos que ocorrem no mundo físico, social, emocional, cultural, político, econômico se inter-relacionam, mutuamente.

Assim, podemos reafirmar segundo Moreira (2000, p.204), "que a ciência e a educação, no próximo século, estão calcadas na esperança da hegemonia da concepção sistêmica da vida". Ainda segundo o autor:

Hoje, deparamo-nos com movimentos mundiais que alçaram suas bandeiras em defesa de termos como ecologia, ecossistema, holismo, preservação ambiental e outros, pouco conhecidos ou popularizados anos atrás. Esse crescente reconhecimento, mesmo descontados os modismos, essa crescente preocupação com relação ao homem-natureza abre caminho para o desenvolvimento da concepção sistêmica da vida. (MOREIRA, 2000, p.204-205)

Essa concepção sistêmica nos leva a conceber a ciência e a educação sob nova perspectiva; já não são mais estagnadas; não poderão mais transmitir a idéia de um produto acabado, pois o pensamento sistêmico está em constante evolução; em inter-relação e interação com os acontecimentos. A visão sistêmica propiciará uma educação cujo valor maior é o humano, em sua relação com os outros seres e em sua interação com o ambiente.

Por isso, a formação do professor de educação física também não pode mais continuar separando o corpo da mente. Tem que ser uma "*Educação Física de corpo inteiro*", como enfatiza Freire (1989) em sua obra de mesmo nome. Aquela que trabalha o homem na sua totalidade: corpo, mente, emoção, cultura, sociabilidade, historicidade. Uma Educação Física sistêmica, com uma formação sistêmica dos futuros professores, que através de uma Pedagogia do Movimento e da Animação dará ao aluno condições de, através da linguagem corporal, interagir de forma saudável, consciente, crítica, criativa, construtiva, e transformadora com o mundo.

Costa (1993, p.39-40) afirma:

Efetivamente, as previsões de Guattari e as interpretações de Weber, ambos de fundamentação histórica, permitem antever uma Educação Física (esporte e recreação inclusive) de sentido ecológico cada vez mais diferenciado, mas integrada por solidariedade crescente. A adesão de várias nações à proposição do esporte como direito do cidadão reforça o sentido de solidariedade, tal como acontece com o desenvolvimento do esporte para todos e da Educação Física holística, que está tentando integrar diferentes áreas de conhecimento vinculado à corporeidade.

Partindo-se desses referenciais pretende-se que haja uma preservação do corpo em sua totalidade, construindo-se um bem estar físico, mental e social, como também estabelecendo-se prevenção contra as seqüelas da vida de pessoas ricas e pobres do mundo atual.

Portanto, ainda segundo Costa (1993), esta nova perspectiva para Educação Física e conseqüentemente para a formação do professor, com vistas à recreação e ao lazer para todos assume, em igualdade de tratamento, atividades formais e informais, prevendo-se amplo acesso de pessoas e efetivo exercício de direito. Abandona-se assim a perspectiva mecanicista, da "massificação do esporte", e busca-se uma democratização efetiva do esporte e da recreação, sobretudo direcionada a grupos desprivilegiados: idosos, menores abandonados, deficientes físicos, sociais, emocionais, etc.

Inspirados nessa concepção de uma educação física transformadora, os professores adquirem uma visão crítica da realidade, dos valores que lhe são impostos, da cultura corporal e podem reivindicar e construir, coletivamente, uma nova proposta pedagógica para suas aulas, que venha alcançar os alunos em sua totalidade.

A Pedagogia do Movimento, nos anos 90, começa a ser esboçada dentro desse novo modelo, e tem Manuel Sérgio, como um dos representantes dessa teoria, segundo Moreira (2000, p.206-207)

(...) tem elaborado a teoria da motricidade humana onde o termo "motricidade" significa um processo adaptativo, evolutivo e criativo de um ser, prático, carente dos outros, do mundo e da transcendência. Na motricidade o físico, o biológico e o antropológico estão presentes.

O homem é um ser carente, que caminha intencionalmente na direção de sua transcendência. Por essa razão, é dotado de motricidade, que não se confunde com movimento, pois este é a expressão da motricidade.

Moreira (2000, p.207) continua, “do ponto de vista da ação educativa, o conceito de motricidade propiciará a vertente pedagógica da educação motora que procurará, através, de uma prática criativa, libertadora, despertar e desenvolver as faculdades motoras imanentes no educando”.

A educação motora, possibilitará ao educando dinamismo intencional, criativo e prospectivo, proporá ao mesmo mais do que um saber fazer, chegando mesmo a um saber ser.

Os meios que a educação motora utilizará em sua pedagogia do movimento poderão ser o esporte, o jogo, principalmente os jogos recreativos e cooperativos, a ginástica, a dança, a dramatização, bem como as várias possibilidades que a linguagem corporal oferece. Para que tudo isso ocorra, é fundamental que o professor, consciente dessa nova perspectiva para as aulas de Educação Física, e bem fundamentado, possa exercer uma prática inovadora e consciente onde construirá espaços para que seus alunos possam se tornar mais humanos, mais conscientes, mais críticos, mais criativos e mais livres.

Uma Pedagogia do Movimento não separa o corpo físico do mental, do emocional, do social, do cultural, ao contrário, ele é visto como uma unidade harmoniosa. Segundo Freire (2000), corpo e mente são entidades diferentes, mas que não têm significado desintegradas. Ou melhor dizendo, nas palavras do autor:

Sei que não são iguais, como sei que um coração não é o mesmo que um cérebro. Nem se trata de provar essa igualdade. Mas sei que não são longe um do outro, desintegrados, divorciados. Apenas fazem sentido quando se solidarizam num todo maior que os integra, como a tudo o mais que nos faz existir: o corpo. É uma solução demasiado simples para o fenómeno humano: colocar de um lado o espírito e de outro o corpo, separando-os, dissecando-os, reduzindo-os a partes que não interagem. A questão humana vai muito além dos simplismos reducionistas da tradição científica clássica. (FREIRE, 2000, p.207-208)

A pedagogia do movimento, que deverá ser veiculada nas escolas no próximo século, não poderá deixar de atentar para todas estas questões. Tem que ser sistêmica, compreender e trabalhar o corpo na sua totalidade e nas suas particularidades (pois cada corpo carrega seu modo de ser, de sentir, de se movimentar, ou seja, sua cultura corporal); por isso, a pedagogia do movimento do século XXI, não pode padronizar movimentos – estes devem ser livres, criativos, espontâneos. "O movimento corporal expressivo em detrimento do movimento corporal imitativo". (MOREIRA, 2000, p.208)

Segundo Freire (2000, p.111), "não é por acaso que a Educação Física não tem qualquer importância nas escolas; não incomodará e nem será incomodada enquanto mantiver como paradigma o estereótipo militar". Mas será bastante incomodada quando aprender a praticar a liberdade dos corpos.

Freire (2000, p. 115), afirma ainda que:

Quase ninguém aprende nada de significativo, apesar de tanto tempo na escola. E as pessoas não aprendem aquilo que está declarado nos programas pedagógicos porque aquele é um ensino que se dirige a pessoas, principalmente quando se trata de crianças. É um ensino que se dirige a crianças ideais e não a crianças reais. Que crianças podem ser somente polida, imóvel, dócil, inteligente, bondosa, silenciosa, enfim dotada de todas as virtudes que compõem o ideal de aluno? Criança ri, corre, chuta, faz barulho, perturba, é perversa,

bondosa, amorosa e maldosa. Que pedagogia se dirige a essa criança? Que pedagogia investe na criança que fantasia, que corre, que ri, que grita...?

Talvez uma Pedagogia da Animação, segundo Marcellino (2004), em que os conteúdos são mesclados de atividades recreativas e lúdicas, onde a criança tenha liberdade de aprender brincando, divertindo-se, interagindo com o meio físico e social, tendo prazer e liberdade. Em que, através de uma educação *para e pelo* lazer a criança possa adquirir valores de cooperação, respeito às diferenças; possa criar seus próprios jogos; seus próprios movimentos; resgatando essa cultura infantil que lhe tem sido furtada, por uma escola que padroniza conhecimento, padroniza gestos, padroniza cultura.

Frente a todas estas questões levantadas, não podemos crer mais num ensino de educação física fundamentado em um tipo de metodologia que vê o corpo como objeto de estudo segundo afirma Cauduro (2003).

Hoje, falamos de uma Educação Física, comprometida com o social. Por isso a formação universitária do professor de educação Física deve estar galgada em valores humanísticos e éticos. O futuro docente deverá estar preparado para utilizar uma metodologia contextualizada, onde a prática é refletida e discutida á luz de uma fundamentação teórica que enfoca a leitura de todos os tipos de corpos, de gestos, de possibilidades e limitações desses corpos. É necessário levar os futuros professores a lerem o sentido e o significado de cada contexto no qual está atuando para que possa usar a metodologia mais adequada a cada realidade.

Por isso a competitividade, a formação de atletas de alto nível e a desempenho, não cabe mais nos novos currículos de licenciatura em Educação Física.

Sendo assim, será necessário que os cursos de graduação em Educação Física estabeleçam objetivos que levem o futuro docente a refletirem uma intencionalidade comprometida com a prática social. Os currículos destes cursos devem apresentar conteúdos que enfoquem a ética,



ecologia, saúde, esporte, cidadania, lazer e recreação. Uma “Educação Física Holística” segundo Cauduro (2003, p.35) ou “Sistêmica”, segundo Moreira (2000, p.199).

A partir desses princípios, desses pensamentos, é necessário arriscar, ultrapassar os muros acadêmicos e buscar novas aprendizagens, novos desafios nas diversidades que a sociedade apresenta.

Cauduro (2003, p.36) afirma ser necessário;

Buscar, por meio da relação ensino-pesquisa-extensão, auxiliar na construção da cidadania para melhorar nossas cidades, nossa prática, utilizando-se das parcerias, das integrações, do trabalho, da pesquisa concreta, nos locais específicos que desafiam, no dia-a-dia, nossa práxis.

Hoje necessitamos de um profissional da Educação Física que trabalhe em equipe, com a interdisciplinaridade, que tome decisões, que tenha uma formação humanística, a fim de que possa contextualizar a educação física na história da sociedade e trabalhar com seus alunos todas questões referentes aos aspectos históricos, técnicos, sociais, filosóficos, fisiológicos, estéticos, éticos, culturais e políticos desta prática corporal e social, que é a Educação Física que se propõe.

O docente com essa visão terá condições de ampliar suas percepções às necessidades do homem contemporâneo e trabalhar a Educação Física não mais voltada “a esportização exagerada, que é uma das principais causas do analfabetismo de nossos alunos em outras práticas da cultura de movimento” Silveira e Pinto (2001, p.141), mas com suas inúmeras possibilidades. Como afirma Cauduro (2003, p.28) “...Penso que essa nova cultura de formação de professores deve ser baseada na perspectiva de “uma reflexão na prática para a reconstrução social”.

Nesse enfoque, as universidades devem propor como objetivo prioritário, a cultivar nos acadêmicos e nos docentes a capacidade de pensar criticamente a ordem social.

Betti e Galvão (2001) afirmam que no ensino superior de Educação Física deve se trabalhar na perspectiva do ensino reflexivo, que prevê a reflexão, antes, durante e após a aplicação da prática. Por isso a importância da disciplina Prática de Ensino, que geralmente ocorre no final da formação profissional em Educação Física, iniciar-se até mesmo durante o primeiro ano de curso, afim de que os futuros egressos, tenham oportunidade de discutir e refletir sobre os problemas que encontram na prática. Dessa forma estarão mais aptos à enfrentarem os desafios do dia a dia.

Anastasiou e Pimenta (2002, p.250), citam que:

O diálogo entre a experiência e a história, entre uma experiência e outra ou outras, o confronto das práticas com as contribuições da teoria, com suas leis, princípios e categorias de análise, num movimento de desvelar, pela análise da prática, a teoria em ação, o processo de investigação da prática, de forma intencional, problematizando-a sem seus resultados e no próprio processo efetivado, são desafios e possibilidades metodológicas na preparação pedagógica dos docentes universitários.

A reflexão e a solução de problemas deve fazer parte de um *continuum* na formação acadêmica como afirma Schon (1992).

Notamos o quanto é importante um olhar especial na formação do futuro professor de Educação Física, pois se estes discentes tiverem a oportunidade de vivenciarem práticas refletidas, conscientes e consistentes e estiverem engajados em projetos de pesquisa e extensão com certeza estaremos contribuindo para a formação de um agente de transformação social.

Para finalizar esta parte do capítulo, citamos mais uma vez Cauduro (2003, p.43-44).

A educação física tem um papel social fundamental na construção de um novo contexto, e as universidades deverão ser as articuladoras nesse processo, baseadas na

indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão; a diversidade é o que deverá pautar os projetos culturais e educativos; e a pesquisa, os trabalhos comunitários e as experiências extramuros da universidade é que darão o esteio, o alicerce para a reflexão da prática sobre a prática, fortalecendo, assim, a formação profissional.

Há diferentes contextos, diferentes maneiras de realizar a educação física e diferentes maneiras de participarmos de uma sociedade. O que vai dar realmente o sentido e o significado para essa prática, para essas atividades lúdicas, é a maneira de pensar e agir das pessoas que fazem, que constroem essa sociedade.

E o profissional de lazer e recreação? Quem é este profissional? Quais suas funções? Ou melhor, quais são os seus papéis no vasto cenário de nossa sociedade. Qual a sua formação?

Para respondermos a estas questões, é necessário nos reportarmos aos registros históricos sobre esse assunto e buscarmos mais informações em obras de estudiosos da área.

Segundo observa PINA (2002), há 20 anos nos Estados Unidos já existia universidade que oferecia pós-graduação em lazer e apesar de parecer estranho para muitos, vários profissionais brasileiros cursavam esses programas nos Estados Unidos, no Canadá e na França. E nessa época já existiam muitos profissionais atuando no campo do lazer no Brasil.

O autor ainda afirma que a profissionalização, nesse setor, é ainda mais antiga, principalmente nos Estados Unidos e alguns países da Europa.

Quanto aos Estados Unidos, Pronovost (apud PINA, 2002, p.120-121) observa que:

No plano institucional, o movimento mesmo de profissionalização da mão-de-obra no lazer começou muito cedo. Assim, em 1906 foi criada a *Playground and Recreation Association of America*, chamada em 1910 *Playground and Recreation Association*. Começou-se a publicar, em 1907, o

periódico mensal *The Playground*, mais tarde intitulado *Recreation*. Em 1930, o nome da associação passou a ser *National Recreation Association*. Um primeiro *Play Congress* teve lugar em Chicago em 1907.

No Brasil, apesar de não existir uma história ainda escrita sobre a profissionalização do trabalho na área do lazer e recreação, podemos notar a ACM (Associação Cristã de Moços) que se implantou no país desde o início do século e o Sesc (Serviço Social do Comércio) e Sesi (Serviço Social da Indústria) com quase 50 anos de atuação nesta área.

Os serviços prestados por estas instituições são realizados por profissionais que atuam em várias instâncias: organizando atividades para pessoas de diversas faixas etárias e classes sociais, liderando grupos e comunidade, iniciando pessoas em diferentes modalidades artísticas e esportivas, passando-lhes algumas técnicas básicas; procurando viabilizar e administrar recursos para que grupos ou coletividades possam usufruir de atividades de lazer.

Observa-se, no entanto, que apesar da preocupação dessas instituições em procurar selecionar criteriosamente seus recreacionistas ou animadores culturais; muitos desses profissionais não estão preparados para exercer essa função; são apenas técnicos, que aplicam mecanicamente as atividades recreativas, como se essas fossem simples tarefas, mantendo o recreando no comodismo não lhe possibilitando exercer sua liberdade de escolher o que tem vontade de fazer para recrear-se.

Como afirmam Coronio e Muret (apud PINA, 2002, p.18) “as funções desses profissionais vão muito além da simples organização de algumas atividades para o público, eles constituem “a alma do equipamento de lazer”.

Podemos afirmar que o principal requisito que este profissional de recreação e lazer deve possuir, é o de ser um educador em potencial, pois estará atuando com pessoas diferentes, com valores diferentes, com culturas diferentes, enfim; com seres humanos que têm suas particularidades, suas

histórias de vida. Por isso torna-se necessário que este profissional possua uma formação humanística e uma consciência de que através de uma prática refletida e contextualizada poderá proporcionar aos praticantes um crescimento pessoal e social, através de atividades de lazer e recreação educativas, que resgata valores essenciais como: cooperação, aceitação das diferenças, construção coletiva de novas formas de recrear-se levando em conta a bagagem cultural que cada um traz consigo.

Segundo Waichman (2002), “o recreólogo” é aquele que viabiliza os sujeitos participantes a serem protagonistas de seu próprio lazer.

Agindo dessa forma, esse profissional, estará contribuindo para despadronização do jogo, da brincadeira, da diversão, que tornaram-se cada vez mais massificados e impostos pela indústria do entretenimento.

Com esta postura, este profissional de lazer e recreação estará devolvendo ao homem a condição de Ser Livre, Ser Feliz, e acima de tudo SER SUJEITO.

Acreditamos que para que o profissional que atuará na área do lazer e recreação apresente as características de um educador é preciso como bem pontua Marcellino (2000, p.36-37) “que nossas Faculdades que mais se encontram na 'ponta', na pesquisa dos estudos do lazer, dêem atenção, pelo menos a treze itens, que passo a elencar”:

- 1- Dêem a atenção devida aos cursos de graduação;
- 2- Enfatizem a pesquisa na área, onde está praticamente, quase tudo por fazer;
- 3- Atuem com projetos de extensão, não extensionista, funcionando como verdadeiros laboratórios de pesquisa quase experimental”;
- 4- Estimulem o intercâmbio com as outras Universidades e Faculdades, que anualmente jogam no mercado um número de profissionais muito grande;
- 5- Promovam o intercâmbio com Empresas e Poder Público, procurando saber suas expectativas de profissional, trabalhando a partir, mas não ficando restritas a ela, e mostrando como vem organizando a formação profissional;

- 6- Não tenham pudores, na quase totalidade preconceituosos, de locais de trabalho. É possível desenvolver uma ação profissional competente e conseqüente em qualquer âmbito de trabalho. Meu último projeto editorial lançado foi exatamente sobre os múltiplos olhares que podem ser lançados sobre uma relação vista como extrema reserva por alguns setores da área; Lazer e Empresa.
- 7- Não forneçam como se diz no jargão, "receitas" de atividades, mas propiciem a formação de um repertório de atividades, vivenciadas e refletidas, que possa servir de base para o início das atividades profissionais, com constante aprimoramento. É um elemento neutralizador aos profissionais que só leram "Manuais de atividades", ou o que é pior, compilações desses Manuais;
- 8- Equilibrem na formação dos profissionais, pelo menos quatro eixos, complementares: Teoria do Lazer, Relatos de experiência refletidas de profissionais. Vivências dos conteúdos culturais, e Políticas e diretrizes gerais no campo. Isso permitirá que se estude a especificidade do lazer, sua "disciplinaridade";
- 9- Mostrem, repetidamente, que o lúdico e o prazer podem se manifestar em outros tempos, fora do lazer, mesmo na nossa sociedade. Isso significa entender o lazer "como especificidade concreta", e na sua especificidade, com possibilidades de gerar valores que ampliem o universo das manifestações do brinquedo, do jogo, da festa, da recreação, para além do próprio lazer ;
- 10- Dêem condições do "alicerçamento" de uma sólida cultura geral, necessária para o trabalho interdisciplinar, em todas as áreas, e de modo específico no lazer, aliado ao exercício constante de reflexão;
- 11- Privilegiem em seus currículos a formação geral, voltada para a especificidade da área, e não a específica descontextualizada;
- 12- Não estabeleçam o "perfil profissional" a ser formado, "a priori". Esse "perfil" tem que ser construído ao longo do curso, principalmente em uma fase de aceleradíssimas transformações, onde o que é atual no início de um curso, por exemplo, em termos de habilidades específicas, pode-se tornar obsoleto, rapidamente. É preciso atualizar, ou mesmo formar, quem já trabalha na área, e é preciso também formar os "voluntários";

- 13- Inculcam nos alunos a necessidade de desenvolvimento profissional constante, para que como já foi dito anteriormente, não se tornem presas fáceis de discursos de manuais de “auto ajuda” de baixa categoria, em situações adversas do mercado de trabalho, vendendo “alma” e o “corpo”.

Finalizando este capítulo, podemos concluir o quanto é preciso investir na formação do docente de Educação Física, que irá atuar na área de recreação e lazer, pois quer queira, quer não, são estes ainda os cursos que possuem licenciatura e podem estar formando verdadeiros educadores para atuarem na área da Recreação e do Lazer de forma reflexiva e transformadora.

## CAPÍTULO II

### LAZER E RECREAÇÃO

Para melhor compreender o fenômeno lazer e recreação, com toda a sua “plasticidade de fronteiras, a multiplicidade heterogênea de suas formas, a extensão oculta de suas implicações, a carga afetiva que carregam algumas de suas manifestações normais, marginais, lícitas ou ilícitas” (DUMAZIDIER, 1999, p.11), estamos partindo do pressuposto histórico do lazer e recreação, dentro de um contexto mais amplo da história da humanidade, fazendo uma análise mais profunda do tema.

Segundo Dumazidier (1999, p.25):

Alguns consideram que o lazer existia em todos os períodos, em todas as civilizações. Não é o nosso ponto de vista. É a tese de Sebastian de Grazia. O tempo fora do trabalho é, evidentemente, tão antigo quanto o próprio trabalho, porém o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida da Revolução Industrial.

Ainda segundo o autor, “não há uma ruptura entre tempo de trabalho e tempo de lazer, nas sociedades primitivas, trabalho e jogo estão integrados às festas. Estas duas atividades, embora distintas em seus fins práticos,



possuem natureza semelhante, na vida essencial da comunidade. A festa engloba o trabalho e o jogo.” (DUMAZEDIER, 1999, p.35).

Já nas sociedades pré-industriais, do período histórico, o lazer não existe. O trabalho se inscreve nos ciclos naturais das estações e dos dias do ano: é intenso na boa estação e fraco na má; segue um ritmo normal, sendo interrompido por pausas, cantos, jogos e cerimônias; em geral se confunde com o ciclo: da aurora ao pôr-do-sol, e não existe uma ruptura nítida entre trabalho e repouso. Estes são marcados por uma sucessão de domingos e festas. O domingo pertence ao culto. As festas são ocasião de consumo de alimentos e de energia, constituem o universo ou a negação do cotidiano.

Os festejos são indissociáveis das cerimônias; dependem do culto, não do lazer. Assim, não nos parece possível aplicar o conceito de lazer às antigas civilizações européias que durante o ano tinham mais de 150 dias ociosos.

Segundo Rolim (1989), com o desenvolvimento comercial, o homem passou a buscar uma outra forma de medir o tempo. Já que o trabalho traz dinheiro e torna-se um valor, o tempo de trabalho tem que ser medido de forma mais exata, sem prejuízo, então, no final do século XIII, criam-se os relógios. Passam a existir intervalos entre um tempo de trabalho e outro.

A Revolução Industrial no século XIX acentua mais ainda a primazia do trabalho. O homem passa a adequar sua vida pelo ritmo não só do relógio-máquina, mas pelo ritmo de todas as máquinas que vão aparecendo.

Segundo Rolim (1989, p.47) “o tempo situado fora deste é um tempo vazio, improdutivo, que se aceita com o objetivo de restaurar as forças dos operários a fim de que possam continuar trabalhando, produzindo e gerando lucro.”

Nas sociedades industriais então há uma ruptura entre tempo de trabalho e tempo de lazer. Como afirma Camargo (1998, p. 9)

Na verdade, estamos chegando ao final de um ciclo civilizatório durante o qual nunca se trabalhou tanto, e em que, pela primeira vez na história, o trabalho converteu-se efetivamente na primeira necessidade humana. Nesse período, surgiram jornadas de trabalho brutais, devastou-se a natureza, destruíram-se símbolos preciosos da civilização e as cidades passaram a ser vistas apenas como espaços de trabalho e produção.

Valorizam-se os homens apressados, ocupados, que não têm tempo. Profissões que não produzem, como poetas, filósofos, sacerdotes e artistas, passam a ser profissões pouco conceituadas.

Segundo Dumazidier (1999) foi a partir da concepção de sociedade industrial que o trabalho passou a ser visto como uma benção divina, e uma necessidade humana, pois quem trabalha passa a ser abençoado. A civilização cristã, também reforça essa idéia quando condena o não-fazer-nada, incluindo aí até mesmo o divertimento em geral. Segundo Camargo (1998, p. 28) vem daí a “origem de máximas que até hoje se repetem, onde a ociosidade é a mãe de todos os vícios, para cabeça vazia o diabo arruma serviço”.

Assim, o trabalho é concebido como uma obrigação, uma condenação: “*comerás o pão com o suor do teu rosto!*” está escrita na Bíblia. Portanto, a falta de trabalho e, conseqüentemente, a falta de dinheiro passa a ser sinal de ausência de sintonia com Deus, de doença espiritual.

A reforma protestante surgiu como marco decisivo na valorização absoluta do trabalho e dos bens materiais. Não foi por acaso, que o sociólogo Max Weber (apud Camargo, 1998) apresentou as relações entre a *ética protestante e o espírito do capitalismo*, em uma das suas obras mais importantes, que leva justamente esse título.

Segundo Camargo (1999, p. 29):

Ao valorizar a riqueza e a acumulação de bens materiais, o protestantismo conferiu base ética ao pensamento do escocês

Adam Smith (1723-1790), o primeiro teórico do capitalismo. A “saúde” do capitalismo estaria, portanto, na criação de homens que acumulassem riqueza, investissem, gerassem empregos, etc. enfim, tudo o que os empresários repetem até hoje (...).

Influenciado por essas novas ideologias, em 1883 é editada a obra, “*O Direito à Preguiça*”, escrita por Paul Lafargue (1889), um dos mais destacados dirigentes do movimento operário internacional, genro de Karl Marx, que através dessa publicação dá o seu grito de revolta contra a superexploração da força de trabalho na fase da expansão do capitalismo, reivindicando a diminuição da jornada de trabalho, e, principalmente, alertando a classe operária para que acordasse da alienação obcecada pelo trabalho influenciada pela religião, e começasse a lutar pelo seu direito a mais horas de descanso e de lazer.

Dumazidier (1999, p.36) cita que:

Em 1957 um ensaísta social, H. Swados, após a reflexão coletiva de um grupo de militantes sindicalistas sobre o emprego do tempo liberado pela passagem de 32 horas nas fábricas de borracha Akron, publica um artigo de título espetacular :”Less Work, Less Leisure”. Este título difundiu-se, assim como certos números bastante convincentes : 40% dos operários que dispunham deste novo horário teriam aceitado trabalhos suplementares e 17% teriam assumido uma segunda profissão.

O poder transformador de uma ideologia faz com que o homem repense seus hábitos a ponto deste se julgar incapaz de dominar o tempo livre, sobretudo o lazer, enquanto o trabalho passa a ser sua primeira necessidade. Friedmann (*apud*, DUMAZIDIER, 1999, p.36) resume esta posição afirmando que ”o tempo liberado é sentido como se fosse oco e que ele é preenchido com bricolagens (biscates) remuneradas ou um segundo emprego, não somente porque se tem fome, mas também porque se deseja preencher um vazio”.

Perguntamos, então: O que será que gerou esse vazio no homem, que ele tenta preencher com o trabalho e resiste tanto em divertir-se, sendo esta uma característica tão peculiar do ser humano?

A resposta pode estar justificada na percepção de Camargo (1998) quando ele tenta mostrar que o lúdico sempre foi um problema para a sociedade, destacando ainda que o lazer da atualidade é tão artificial quanto o próprio tempo de trabalho, isto é, talvez por se tornar tão superficial, o homem não tem a espontaneidade necessária à vivência do lúdico. Segundo o mesmo autor, (1999, p.12), existe hoje tempo para se divertir, até mais que em outros tempos, "mas será que o relógio de ponto - o real ou o assumido pelo indivíduo - é o melhor critério para determinar o momento de começar a trabalhar e o de começar a se divertir?"

Apesar de assumirmos ser *faber*, pois somos alguém que trabalha, não podemos negar nossa condição de *ludens*, alguém que brinca. Essas duas dimensões exigem muito zelo. Temos sim a necessidade de ser útil, de buscar a nossa sobrevivência através do trabalho, mas também temos muita necessidade de um momento só para nós, para nos descontrair e buscar coisas que nos deem prazer, alegria, liberdade e sentido de "ser". Se negarmos uma dessas necessidades básicas, estaremos comprometendo grandemente nossa condição humana, nossa qualidade de vida, nossa saúde.

Se fizermos uma análise da sociedade em que estamos inseridos, veremos que são muitas as pessoas que se encontram nessas condições. Existem aquelas que, em nome do trabalho, esquecem família, religião, amigos, o próprio prazer pessoal, que só encontram satisfação no trabalho, enquanto outras só pensam no seu lazer, no seu divertimento, a ponto de não conseguirem se disciplinar para o trabalho em sociedade. Isso não quer dizer que devemos deixar de lado a educação para o trabalho, transmitida pela família e continuada na escola, mas também não é permissível esquecer a importância da educação para o lúdico, para as horas de lazer, do tempo livre de forma construtiva e criadora.

Precisamos aprender a organizar o nosso tempo com atividades que propiciem o necessário à nossa sobrevivência e com atividades que garantam a nossa saúde global: física, mental, social, emocional, cultural, o que só é possível através da prática do lazer e da recreação consciente. Camargo (1998, p.12) afirma que "A sociedade já começou a tomar consciência de que é preciso, outra vez, estimular o lado ludens de uma população tão faber. A necessidade de criar atividades e espaços para que os indivíduos desfrutem agradável e plenamente do seu tempo de lazer".

Perguntamos novamente: Mas como e quando estas mudanças começaram a ocorrer? Atualmente difunde-se cada vez mais uma existência assentada mais no desfrutar da vida do que no viver para trabalhar. Já não é mais somente o trabalho, que preocupa as pessoas, e, muito menos o TER em detrimento do SER. Em nome da qualidade de vida, vem ocorrendo um sentimento de despertar na consciência do homem, que para resgatar a vida no planeta é preciso estar mais com o outro(s), com a natureza, estar vivendo mais intensamente os momentos de divertimento, de liberdade, buscar no simples e no belo a alegria e o prazer de estar nesse mundo, como bem diz De Masi (1998).

Segundo Capra (1992, p. 446):

Chegamos a uma época de mudança dramática e potencialmente perigosa, um ponto de mutação para o planeta como um todo. Estamos precisando de uma nova visão da realidade, que permita que as forças que estão transformando o nosso mundo possam fluir como um movimento positivo de mudança social.

Como vimos, está havendo uma grande mudança no paradigma da civilização atual, ou seja, o modelo ideal de existência que orienta os seres humanos na sua individualidade e sociabilidade não condiz mais com essa nova realidade.

Perguntamos: E quais foram os fatores determinantes dessa mudança?

Encontramos a resposta para essa pergunta ao longo da história da humanidade, mas queremos aqui ressaltar o importante papel de disseminação das indústrias, que mudou todo o contexto social atual. A vida como um todo passou a ser determinada pelo trabalho. Nas sociedades mais desenvolvidas, a jornada anual de trabalho já é inferior a 1600 horas, e com isso, o tempo de lazer já é maior que o tempo de trabalho.

Com tanto tempo destinado ao lúdico, nossa sociedade começou a pensar com “seriedade” no assunto. O lazer entrou para o rol das necessidades da civilização e dos direitos do indivíduo. Apenas aí, contudo, viu-se que se divertir não é tão fácil como sempre se pensou.

Perguntamos então: Por que as pessoas têm tanta dificuldade em divertir-se?

Talvez porque em nosso meio social, as opções de lazer que nos são apresentadas pela indústria do entretenimento exigem gastos substanciais para que tenhamos momentos de prazer. É o Lazer Consumo, ou melhor, é a sociedade de consumo corrompendo o lazer.

Werneck (2002, p.30) ressalta o seguinte, a esse respeito:

Geralmente, somos despertados, sobretudo pela mídia, para outras possibilidades de desfrute do lazer. É a mídia quem nos apresenta formas atraentes de lazer como se elas fossem acessíveis a todos, e não apenas a uma privilegiada minoria. Mesmo que as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa fossem tão inocentes quanto se prega, o comportamento que elas transmitem está longe de ser inofensivo.

Seguindo esta linha de pensamento, muitas vezes o ideal não seria passar as férias em casa. O ideal seria usufruí-las naquele *resort*, ou naquele spa, situado em lugares paradisíacos, como indicam vários anúncios na televisão. O ideal não seria passar o feriado no parque público da cidade, mas naquele parque temático que parece ser a própria aventura.

O ideal não seria ficar batendo papo com os amigos na praça do bairro, mas no shopping, onde é possível passear, "ver gente bonita", paquerar. E claro, consumir. E são dessa forma sutis e perversas que esses comportamentos são transmitidos à população, minando os seus valores, e impondo-lhes um novo jeito de estar no mundo. Seguindo esse ideal vemos que a regra básica é "consumir" para ser feliz, é preciso "ter" status para ser aceito nesta sociedade que discrimina socialmente, economicamente e culturalmente os sujeitos.

Mais uma vez, Werneck (2002, p. 31), tece a seguinte consideração:

Em nome da busca do prazer estimulado pela fantasia, muitas das experiências proporcionadas pela indústria cultural acabam nos subjugando às estratégias de modismo e de homogeneização cultural em diferentes perspectivas: em termos de linguagem; de gestos; de comidas e bebidas; de músicas; de roupas. De atitudes e valores, dentre outras.

Realmente, ainda segundo Werneck (2002), mesmo que o consumo exacerbado e alienado do lazer dificulte o pensar crítico, do nosso ponto de vista, ele pode não aniquilar completamente, a percepção crítica da realidade. Obviamente, que as possibilidades de lazer veiculadas pela mídia, e comercializadas pela indústria cultural, estão fortemente atadas ao viés mercantil, mas pode perder essa característica e ganhar uma outra, que vem por meio de ações sociais comprometidas com a construção de uma nova sociedade, mais justa, solidária e humanizada.

Por isso, acreditamos na possibilidade de resistir e modificar as regras do jogo, buscando vivências de lazer mais significativas e comprometidas com a mudança da nossa sociedade, porque o lazer não se restringe ao consumo alienado, que padroniza gostos e preferências, tratando os sujeitos como se fossem meros objetos, desprovidos de história e de cultura. Reportando novamente a Werneck (2002, p. 33), a autora enfatiza que:

(...) o lazer é uma prática social e cultural que representa uma das dimensões da vida em sociedade. Neste âmbito, o lazer implica em “produção” de cultura – no sentido da reprodução, construção e transformação de diversos conteúdos culturais vivenciados ludicamente por parte de pessoas, grupos e instituições no tempo/espaço social de que dispomos. O lazer, assim, sofre modificações de acordo com as peculiaridades do contexto histórico e sociocultural no qual é desenvolvido.

Sabemos que muitas vivências de lazer possibilitam a espontaneidade, principalmente das camadas populares, formas autênticas de lazer representativo do povo, fazendo cultura e especialmente política. Afinal, o lazer também é política. Precisamos urgentemente pensar na educação *para* e *pelo* lazer, porque é através da conscientização do direito ao lazer, de toda a população que estaremos contribuindo para a formação de sujeitos protagonistas de sua própria história e cultura e divertimento.

Segundo Dumazider (1999), em vez do lazer e recreação serem apenas entretenimento inconseqüente, que ocupa a maior parte do tempo livre, esse poderá ser preenchido com mais atividades que levem o indivíduo a pensar e agir de forma mais rica, em todos os momentos de sua existência. O autor classifica as atividades de lazer de acordo com o grau de interesse que possuem: físico-esportivo, manuais, intelectuais, artísticos e sociais e enfatiza que precisamos investir em novos espaços, novos instrumentos, novos profissionais capazes de implementar esse enorme desafio. Há que se reconhecer esses profissionais e outros tantos que atuam na área, como legítimos educadores, que através da elaboração de práticas significativas de lazer, baseados inclusive no interesse cultural de cada atividade, estarão promovendo uma educação para o tempo livre.

Segundo Marcellino (2004), uma educação *para* e *pelo* lazer, implica incorporar o lazer na educação de forma que este passe a ser entendido como uma forma de desenvolvimento pessoal, o lazer que passa a ser reconhecido como um elemento fundamental na transformação da ordem social vigente.



Segundo Marcellino (2004, p.28-29):

Entre os autores que se dedicam ao estudo do lazer não existe um acordo sobre seu conceito, pode-se distinguir duas grandes linhas: a que enfatiza o aspecto *atitude*, considerando o lazer como um *estilo de vida*, portanto independente de um tempo determinado, e a que privilegia o aspecto *tempo*, situando-o como *liberado* do trabalho, ou como *tempo livre*, não só do trabalho, mas de outras obrigações-familiares, sociais, religiosas.

Marcellino (2004) ressalta ainda que o lazer considerado como “atitude” se caracteriza pela relação entre o sujeito e a atividade praticada. Por exemplo, para uma dona de casa, fazer o serviço de casa pode ser considerado lazer. No entanto o conceito que restringe o lazer a um tempo determinado, já passa a ser uma questão mais complicada, uma vez que envolve vários fatores, inclusive a questão do *tempo livre*. Segundo o autor, talvez o mais correto fosse falar em *tempo disponível*. Apesar do fator tempo livre ser bastante relevante, não é nosso intuito aqui conduzir uma discussão mais aprofundada a respeito deste tema. Continuaremos abordando alguns conceitos de lazer, segundo alguns estudiosos.

Segundo o sociólogo Dumazidier (2004, p.88) lazer é<sup>2</sup>:

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Segundo Dumazidier (apud Rolim,1989, p.53) o lazer apresenta três funções: “Descanso, Divertimento e Desenvolvimento pessoal”.

---

<sup>2</sup> Essa definição aparece amplamente explicitada em sua obra Sociologia empírica do lazer.

Requixa (apud MARCELLINO, 2004, p.30) define o lazer como “ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e desenvolvimento pessoal e social.” Marcellino (2004, p.31) prefere entender o lazer como:

A cultura compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação.

Apesar da polêmica sobre o conceito de lazer, resolvemos tomar por base as argumentações sobre o tema, destes três estudiosos da atualidade, que têm, em comum, a visão do lazer como uma atividade praticada num *tempo disponível*, que é *livre de escolha* (a palavra lazer, enquanto origem etimológica tem sua origem no latim *licere*, que nos transporta para o sentido do permitido, livre de regras, obrigações ou censura), e que leva o indivíduo a um *desenvolvimento pessoal*.

Marcellino (2004, p. 64) enfoca ainda que “Só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, ao considerá-lo como um dos campos possíveis de contra-hegemonia<sup>3</sup>”. Concordamos com o autor, e acreditamos que isso só será possível quando a escola, em suas práticas educativas, considerar o lazer como uma área de conhecimento indispensável na formação de seus alunos. Por isso, Néelson Carvalho Marcellino, propõe uma “Pedagogia da Animação”, baseado no reconhecimento da relação lazer-escola-processo educativo.

Ainda segundo Marcellino (2004, p.142)

---

<sup>3</sup> A contra-hegemonia é entendida não só pela lógica da crítica, mas também como possibilidade de criação de relações sociais e de espaços públicos que apresentem formas alternativas de experiência e de luta. Para GIROUX SIMON(1995), ela é o domínio refletido de ação política, visando desviar o espírito combativo do terreno da crítica para o terreno coletivamente construído da contra-esfera pública.

A animação engloba os sentidos de *vida*, *de movimento* e *de alegria*. Portanto, uma “pedagogia da animação”, assim encarada, estaria ligada à criação de *ânimo*, à provocação de estímulos, e a cobranças da esperança. A preparação não para uma sociedade dominada pela exploração do trabalho, ou para o ideal questionável de uma “civilização do lazer”. Mas à educação para o *movimento* do presente, o que implica em não considerá-lo imutável, e que entra em choque profundo com a visão “funcionalista” do lazer.

Esta animação a que o autor se refere, é o “*anima*”, do latim alma, que quer dizer, fazer vibrar a alma, tanto no sentido de dar vida, quanto no sentido de transformá-la.

Nesse enfoque, o autor propõe recuperar no homem, “o sentido da recreação, como “recreare”<sup>4</sup> – re-criação, criar de novo, dar vida nova, com novo vigor. Trata-se de recuperar o lazer, como “licere” – lícito, poder ter direito”. (MARCELLINO, 2004, p. 142).

Trata-se inclusive de recuperar a escola, como um lugar prazeroso, que através de atividades mais criativas, mais humanizadas, mais significativas e conscientes contribua para a formação de cidadãos comprometidos com a transformação social.

. Waichaman (1997, p.126) apresenta, como fundamental, a questão do papel do profissional de lazer e recreação educativos. “Nos termos do senso comum, a palavra recreação tende a ser sinônimo de entretenimento, entendendo por isso atividades que produzem prazer sem requerer imprescindivelmente compromisso nem participação alguma.”

---

<sup>4</sup> A origem etimológica do termo recreação pode ser ressaltada a partir de duas posições diferenciadas. A primeira, proposta por MARINHO et al.(1952), aponta que a palavra recreação foi proveniente do latim *recreatio* (que representa recreio, divertimento), sendo derivada do vocabulário *recreare*, com o sentido de reproduzir, restabelecer, recuperar.

Nesse âmbito, destaca-se a idéia de que o objetivo da recreação era a renovação/recuperação para o trabalho. A segunda posição expressa pelo “Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa” e por alguns estudiosos do assunto (BRÊTAS, 1997; MARCELLINO, 2004), relaciona a origem etimológica do termo recreação com *recreare*- significa recreio, divertimento, mas com outro sentido dos destacados acima. Nessa ótica, a recreação pode estar ligada à possibilidade de “recriar, criar de novo, dar novo vigor”. Enquanto a primeira interpretação encaminha o significado de recreação para o divertimento, com finalidades específicas de reprodução e de restabelecimento, a segunda, em contrapartida, é tomada na perspectiva da recriação, que de qualquer maneira não deixa de considerar a questão do divertimento.

Nesse enfoque, Isayma (2002, p.94) ressalta:

...a necessidade de desenvolvermos competências indispensáveis nos profissionais que irão atuar na esfera do lazer.

A formação de profissionais (educadores) para o lazer se dá por meio da construção de saberes e competências que devem estar relacionados ao comprometimento com os valores alicerçados numa sociedade democrática, à compreensão do nosso papel social na educação para o lazer, ao domínio de conteúdos que devem ser socializados, a partir do entendimento de seus significados em diferentes contextos e articulações interdisciplinares, e, por fim, ao conhecimento de processos de investigação, que auxiliem no aperfeiçoamento da prática pedagógica e no gerenciamento do próprio desenvolvimento de ações educativas lúdicas.

Ainda segundo o autor, a multiplicidade de denominações, encontradas no mercado de trabalho, são escolhidas a partir do tipo de ação que se quer retratar, e algumas delas nem sempre requerem formação profissional específica. Como por exemplo, os monitores de acampamentos de férias, analisados por Stoppa (1999). Muitos adolescentes, ex-acampantes, muitas vezes são contratados para atuar nos acampamentos por gostarem desse tipo de proposta, por conhecerem a sistemática e por estarem disponíveis para executar o trabalho às vezes em troca de pequena remuneração- mesmo que não possuam formação que os qualifique para tal. Geralmente, essa ação ocorre numa perspectiva tradicional, reforçando os valores que imperam no senso comum e, conseqüentemente, restringindo a atuação profissional com o lazer.

No nível de senso comum, há um entendimento de que o profissional que atua com lazer e recreação deve levar as pessoas a esquecer dos seus problemas cotidianos, de modo a auxiliá-las no trabalho do dia seguinte ou da próxima semana. Nesse contexto, sua ação se restringe à organização de jogos e brincadeiras que incentivem o agrupamento das pessoas, ou à animação de festas e bailes. Assim, deve apresentar sempre um sorriso

estampado no rosto, demonstrando alegria e “alto astral, que possam auxiliar na adesão de todos às atividades propostas.”

Marcellino (2000, p.33), cita um trecho bastante interessante, e diríamos, até sarcástico para se referir aos pretensos animadores culturais:

Cada vez mais, o profissional de lazer vende sua personalidade. Em muitos casos, deixa de ser profissional para se tornar uma “personalidade profissionalizante”.

Nesse caso os exemplos são inúmeros, mas para ficar apenas com um, basta citar uma das funções mais requisitadas do pessoal da equipe de recreação, de um dos SPAS mais respeitados no interior do estado de São Paulo os “rolagordas”. Ou então, membros de equipes de “lazer programado”, que infantilizam adultos, ou só conseguem chamar a atenção de crianças travestindo-se, e transformando-se na atividade.

Muitas vezes as pessoas buscam atuar profissionalmente na área por pensarem que estão conseguindo um trabalho fácil, acreditando na idéia de que o que se faz não é trabalhar, e sim “brincar o dia todo” – e o que é melhor, contando com uma remuneração para isso.

Por esse motivo, muitas pessoas tendem a restringir o entendimento sobre a intervenção profissional no lazer, muitas vezes considerando o trabalho “fácil” e “gostoso” de ser realizado, em comparação com aqueles que não apresentam nenhuma possibilidade lúdica. Nesse caso, ignoram que esse trabalho requer fundamentos técnicos, pedagógicos, políticos culturais e sociais.

Segundo Waichman (1997), um bom profissional do lazer e recreação, deve, antes de tudo, ser um educador em potencial. O autor vai mais além, quando distingue o recreador do recreólogo; recreador é aquele que aplica as técnicas de recreação, e o seu compromisso fundamental é o de reciclar suas habilidades para gerar risos e alegrias, é apenas um técnico; já o recreólogo, é

Aquele docente que fundamenta sua prática. É aquele que, entre outras coisas, poderá definir e fazer a liberdade, a historicidade, o protagonismo, a educação. É aquele que vê a didática (como um método e um recurso) como um meio. O recreólogo é o responsável pela recreação e não pelo entretenimento. (WAICHAMAN, 1997, p.147).

Segundo o autor, o recreólogo, ou o educador, é o protagonista da primeira etapa da recreação, e, permitirá em segunda etapa que os outros, os próprios participantes sejam os protagonistas. Só assim “a recreação será, então, um modelo de educação, numa transição para a liberdade no tempo.” (WAICHAMAN, 1997, p. 147).

Como podemos perceber ao longo desse capítulo, são muitas as possibilidades que o lazer e a recreação podem oferecer na formação do indivíduo.

No entanto essa temática na sua complexidade e dinamismo, ainda precisa ser mais aprofundada e discutida no âmbito dos cursos de Educação Física, principalmente por ser o curso que forma o maior número de profissionais que atuarão nesta área.

Precisam ser estabelecidas metas mais precisas e consistentes na elaboração dos conteúdos que deverão ser abordados nos programas de curso que oferecem disciplinas relacionadas ao lazer e recreação.

Segundo Werneck e Isayama (2000) mais do que sugerir disciplinas relacionadas ao tema em questão a serem desenvolvidas no currículo dos cursos de graduação em Educação Física, seria o de apontar alguns elementos que possam servir de base para elaboração de ementas para disciplinas afins.

Os autores (2000, p.99) apontam alguns eixos temáticos que poderão servir de subsídios para o aprofundamento em lazer, no contexto dos cursos de graduação em Educação Física, são eles:

*Lazer e sociedade* - Fundamentos específicos sobre o lazer, enquanto uma problemática social; significados etimológicos; valores incorporados na sociedade ocidental; relações estabelecidas com o trabalho; ocorrência do lazer do ponto de vista histórico-social; influências de diferentes fatores sociais, políticos e econômicos para o redimensionamento social do lazer; o processo de constituição histórico-social do lazer no Brasil.

*Lazer e produção do conhecimento* – O lazer enquanto um campo sistematizado de estudos; contribuições das grandes áreas de conhecimento-sociologia, história, filosofia, psicologia, entre outras-:concepções e significados de lazer, no Brasil e no cenário mundial;especificidade e abrangência dos estudos construídos na área; a pesquisa na área do lazer e a sistematização do trabalho de conclusão do curso de graduação.

*Lazer e educação* – O lazer e a construção social do discurso pedagógico; lazer, currículo e formação profissional; o lazer e os componentes do processo de ensino; inter, multi e transdisciplinaridade no lazer; relação teoria/prática, educação e políticas culturais;a pedagogia do lazer e do entretenimento; educação, poder e lazer; desigualdade de acesso à educação como desigualdade de acesso ao lazer;o lazer e a complexidade das questões educacionais;o lazer e a pedagogia do corpo; violência, educação e lazer.

*Lazer e Educação Física* – Relações estabelecidas entre o lazer, a recreação e a Educação Física no Brasil e em outros países;corpo e lazer; Educação Física, jogos, brinquedos e outras práticas culturais lúdicas;atividades físico-esportivas de lazer: esportes, dança, ginástica, caminhada;esportes radicais.contribuições da Educação Física para a saúde e qualidade de vida no lazer.

*Lazer e diversidade cultural* – Contribuições da antropologia; o lúdico como elemento da cultura;mídia e influência dos meios de comunicação de massa;lazer e folclore; análises e vivências teórico-práticas de diferentes conteúdos culturais: jogos, brinquedos, brincadeiras, festas; questões culturais relacionadas à classe social, ao gênero e à sexualidade,à faixa etária,à etnia;à religião, à família e às pessoas portadoras de necessidades especiais.

*Lazer e cidadania* – O lazer no contexto da sociedade brasileira; o lazer e as políticas sociais;o papel do

Estado; cidadania. classes sociais e *status*; lazer como direito social: inclusão e exclusão; planejamento e avaliação de políticas públicas de lazer; lazer e comunidade; mobilização social para o lazer.

*Lazer e meio ambiente* – Lazer e desenvolvimento sustentável; lazer, ética e educação ambiental; turismo ecológico como possibilidade de lazer; atividades múltiplas de lazer na natureza; lazer e turismo rural; lazer, meio ambiente e envolvimento comunitário.

*Lazer e mercado de trabalho* – Globalização; emprego/ empregabilidade/desemprego, indústria cultural do entretenimento; massificação cultural; produção/consumo de bens e serviços de lazer; avanços tecnológicos; competências e habilidades necessárias para o profissional do lazer; campos de atuação profissional: empresas, órgãos públicos, clubes, academias, escolas, spas, hotéis, hospitais, entre outros.

*Gestão do lazer* – Visão geral da administração; planejamento, execução e avaliação de projetos/ações de lazer: público-alvo; objetivos; conteúdos; metodologias de trabalho; recursos físicos, materiais, humanos e financeiros; estratégias de *marketing* e de operacionalização dos projetos e ações; avaliação dos resultados; cooperação e parcerias.

*Lazer e espaço* – Espaço e sociedade; espaço de lazer; influência de aspectos arquitetônicos na construção e no aproveitamento de espaços destinados ao lazer; espaço cheio e vazio no lazer; barreiras espaciais-arquitetônicas, transporte, segurança; o brincar nos diferentes espaços; o consumo do espaço.

Concluimos com este capítulo, que apesar de vivermos numa sociedade consumista, que aliena, que padroniza culturas, e que torna o próprio lazer uma pura mercadoria de consumo, torna-se necessário uma mudanças urgente nessa estrutura vigente,

Acreditamos que através de uma ação coletiva entre os defensores de uma cultura e de um lazer historicamente construído – isso inclui a própria população, hoje praticamente excluída das práticas de lazer e recreação- torna-se possível a transformação da realidade, através de “um processo



dialético de transformação do próprio homem e conseqüentemente da própria cultura”, segundo Bruhns (2000, p.62).

Para que seja possível esta “revolução cultural do lazer” torna-se necessário produzir meios, através de uma educação *para* e *pelo* lazer em que todos compreendam o processo de produção desse lazer mercantilizado que temos hoje em nossa sociedade e através de um esforço coletivo, onde são socializadas culturas se criar novas formas de lazer, a partir de uma produção social e histórica.

É preciso deixar de lado os discursos críticos vazios e começar a construir novas alternativas, para que a mudança se efetive. Segundo o autor Marcellino (2000, p.31) “Percebo uma distância muito grande entre um discurso dito revolucionário e uma prática revolucionária.”

Ainda segundo o autor (2000), não que a crítica não deva existir, muito pelo contrário. É por ela que as construções do novo começam ou deveriam começar. E também não dá para querer que se tenha solução pronta, acabada, principalmente em questões macro. Trabalhamos com a cultura, com super-estrutura, e seria um absurdo irmos “para luta” com modelos no plano cultural estabelecidos “a priori”. Isso deve ser uma solução coletiva. Muitas vezes as críticas estão levando ao imobilismo, ao invés de mobilizarem. O papel da universidade deve ser mobilizador e não desmobilizador.

Essa atuação precisa comprometer-se, ainda, com mudanças sociais que considerem as lutas contra as injustiças presentes em nosso cotidiano, na intenção de concretizar uma sociedade mais justa e igualitária, que respeite as diferenças e que de possibilidade de participação cultural e de democratização social.

Finalizo com as palavras do professor Marcellino (2004, p.15 e 17)

... Acredito que falar em Revolução Cultural do Lazer implica em sublimar uma mudança, ou mesmo um questionamento de valores- que vem ocorrendo através do revolver, no sentido de mexer de baixo para cima- de uma estrutura temporal e

especialmente coercitiva no cotidiano e na totalidade da vida do homem. Significa voltar atrás para ir à frente, recuperar o passado em busca do futuro, na construção do processo que é o homem.

... o lazer não pode mais ser encarado como atividade de sobremesa ou moda passageira. Merece tratamento sério sobre suas possibilidades e riscos. Nesse sentido, proponho considera-lo não como simples fator de amenização ou alegria para a vida, mas como questão mesmo de sobrevivência humana, ou melhor, de sobrevivência do humano no homem.

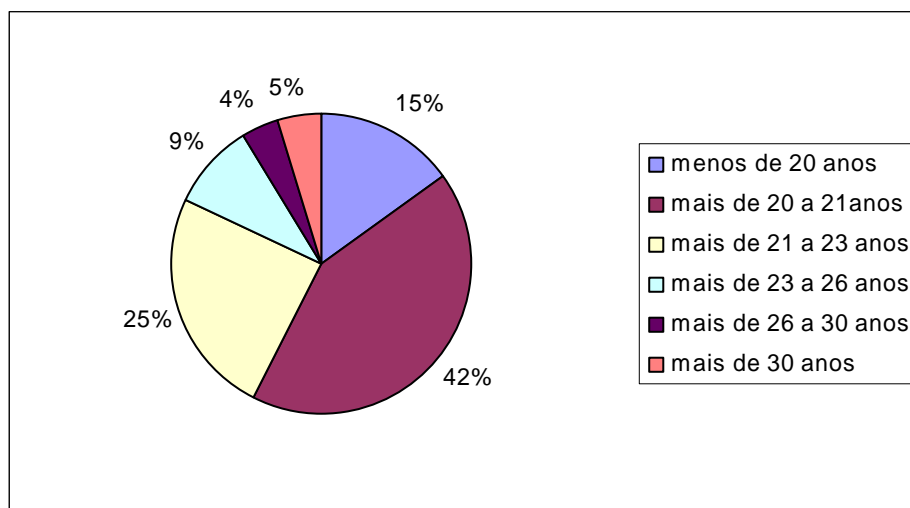
## CAPÍTULO III

### CONCEPÇÕES DE LAZER E RECREAÇÃO DOS ALUNOS DE UMA TURMA DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos dos questionários aplicados nos alunos de educação física, e faremos uma breve análise da entrevista e do plano de curso, à luz de nossa fundamentação teórica.

#### 1 Perfil do Aluno

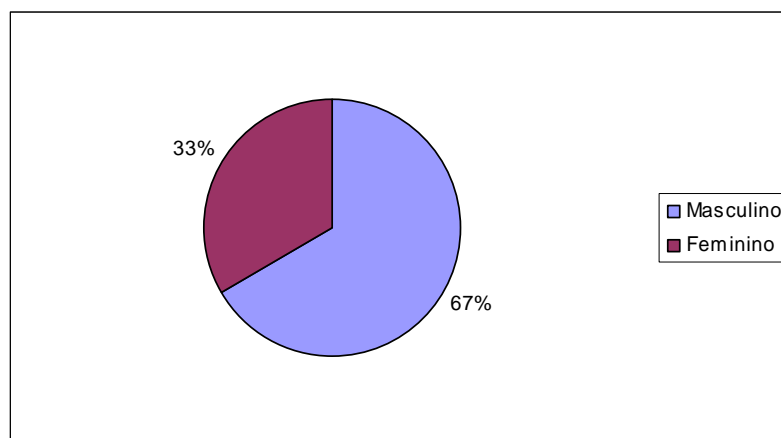
Gráfico 1: Faixa Etária



Observa-se que dos 96 respondentes, 42% destes estão na faixa entre 20 e 21 anos; 25% entre 21 e 23 anos; 15% abaixo de 20 anos; 9% entre 23 e 26 anos; 5% acima de 30 anos e 4% entre 26 e 30 anos.

No gráfico 1, nota-se que a maioria dos alunos entrevistados, têm entre 20 e 21 anos.

### Gráfico 2: Sexo



Dos 96 respondentes, 67% são do sexo masculino e 33% do sexo feminino, o que evidencia que a maioria é do sexo masculino.

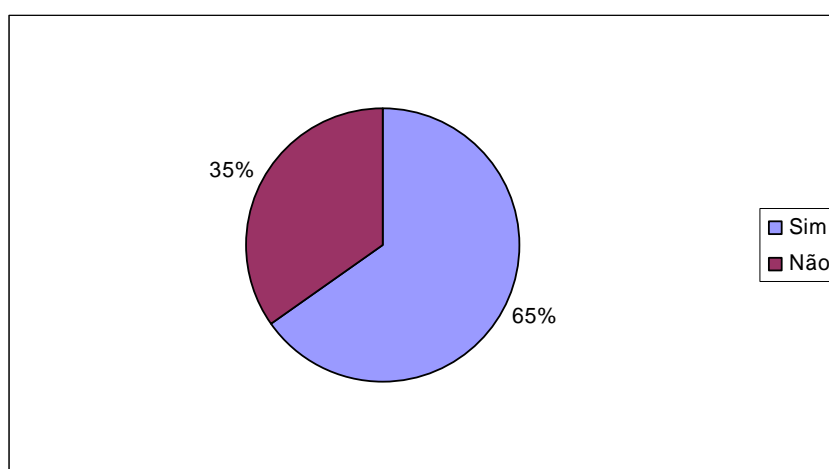
Numa breve análise da história da humanidade, veremos que desde os tempos primitivos a força física, as caçadas, a luta, a guerra foram funções exercidas pelo homem, enquanto à mulher cabia o serviço que exigiam menos força física. (VEBLEN, 1965, p.23)

Segundo Lino Castellani (1995), durante muito tempo, no Brasil, a Educação Física visava à preparação militar e somente os meninos podiam praticá-la, já as meninas eram proibidas pelos seus pais.

Mesmo depois da inclusão dela nos currículos escolares, as aulas eram ministradas separadamente, por professores (para os meninos) e por professoras (para as meninas).

Dentro deste contexto histórico é que se justifica o porquê o curso de Educação Física ainda é mais procurado por pessoas do sexo masculino.

### Gráfico 3: Atividade remunerada extraclasse



Observa-se que dos 96 respondentes, 65% disseram que exerciam atividades remuneradas, contra 35% que responderam negativamente. Isso demonstra que o tempo dedicado ao trabalho pode ser visto como um obstáculo para uma maior dedicação aos estudos, ou maior responsabilidade com o curso que está fazendo.

Segundo CASTANHO (1989, p.62). "*É importante notar que esses excertos mostram a presença de condições favoráveis ao ensino (maturidade, responsabilidade, interesse, determinação)*".

**Gráfico 4: Como obtêm informações sobre a situação social, política e econômica do país e do mundo**

**Quadro Demonstrativo**

RESPOSTAS	AMIGOS	JORNAL	TV	REVISTA	RÁDIO	INTERNET	OUTROS	EM BRANCO
1ª opção	18	20	60	15	11	35	1	2
2ª opção	13	17	17	11	7	14	1	
3ª opção	12	10	6	12	6	8	1	
4ª opção	11	5	1	9	7	10		
5ª opção	5	9	3	2	7	5		
6ª opção	7	1		7	10	1		
7ª opção				1			9	
TOTAL	66	62	87	57	48	73	12	2

O quadro acima mostra que a maioria dos alunos busca informação sobre o país e o mundo, através de noticiário de TV e Internet; 16%, em conversa com amigos e apenas 15% através de leitura de jornais. Podemos concluir claramente que as informações antes obtidas pelo público através de jornal ou rádio, deram lugar à TV e à Internet, dois meios de comunicação de alta sofisticação nos dias de hoje, mas que por sua vez, fornecem informações estanques, imediatistas, camufladas por recursos áudio visuais sofisticados e que atendem aos interesses de uma classe dominante.

No decorrer da sua história, a TV se tornou uma das principais fontes de lazer da população, por ser um veículo de comunicação por excelência, através dos recursos tecnológicos que utiliza em suas transmissões.

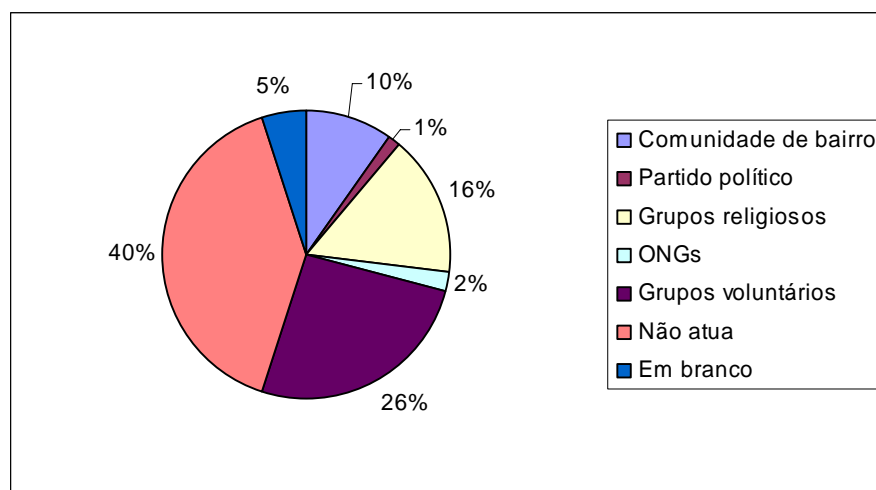
Atualmente, essa forma de comunicação de massa, já faz parte da cultura e do cotidiano brasileiro. Depois do rádio, a televisão é o veículo de maior penetração nos lares brasileiros, através de telejornais, imagens sofisticadas, atraentes e tele-jornalistas, com falas sutis, ora de suspense,

ora de alegria, tristeza ou frieza, tendo por vezes o objetivo de manipular e dominar as idéias do telespectador, deixando-o envolvido, diante de tanto espetáculo, não lhes dando oportunidade para refletir e ter uma visão crítica sobre o que ouve ou o que vê e, conseqüentemente, sobre a realidade que vive.

Igualmente a Internet, privilégio de um público mais restrito, com um maior poder aquisitivo, com seu bombardeio de imagens e notícias estanques, é para muitos, o meio de comunicação mais utilizado não só para se obter informações, como também até para se fazer compras, etc.

Concluimos que tanto a televisão quanto a internet são importantes meios de comunicação, mas é preciso que as pessoas tenham discernimento para selecionar, com visão crítica e reflexiva a diversidade de informações que elas oferecem.

#### Gráfico 5: Atuação em trabalhos voluntários



Nota-se que dos 96 respondentes, somente 40% deles não atuam em trabalhos voluntários; contra 26% que atuam em grupos voluntários; 16% em grupos religiosos; 10% junto a comunidades de bairro; 5% não responderam; 2% em Organizações não Governamentais (ONG's), e apenas 1% em partidos políticos.

O gráfico 5 demonstra que do total, 40% dos alunos não atuam em qualquer tipo de trabalho voluntário, contra 55% que atuam, seja em grupos voluntários, religioso, comunidade de bairro, ONG's ou partido político. Esse dado é bastante significativo, pois mostra nossos alunos entrando num processo de conscientização cidadã. Por essa razão, é cada vez mais importante que as universidades invistam em trabalhos de ação comunitária, para formar agentes de transformação social.

Hoje em dia, o trabalho voluntário está virando um modismo e, na realidade, não passa de ações de cunho assistencialista. São, definitivamente, projetos sem continuidade, inconsistentes, não se efetivam, daí a necessidade também de uma educação para o voluntariado, principalmente dentro das universidades, onde seriam desenvolvidos e implantados vários programas de ações comunitárias.

Precisamos, primeiramente, definir qual o significado que estaremos emprestando ao termo "voluntariado", para melhor entendê-lo, sob uma "visão global" e podermos ser coerentes com a proposta de política de capacitação e ação do verdadeiro voluntário.

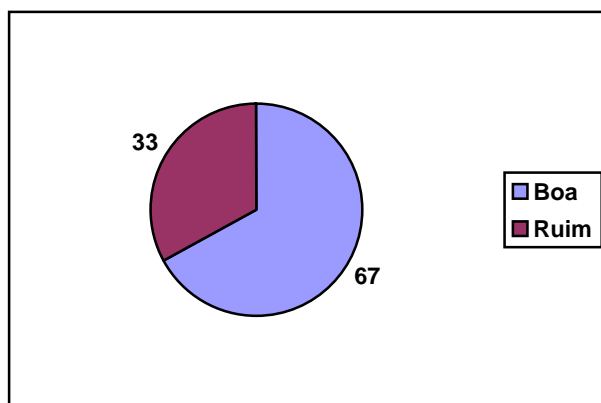
Assim, segundo Paiva :

... gostaria inicialmente de colocar o trabalho voluntário como uma responsabilidade social de cada indivíduo, com vistas à melhoria de suas condições de vida e da sociedade. Porém, esse trabalho e essa responsabilidade não são um favor dos mais abastados para com as camadas que, historicamente, estão à margem de terem condições dignas de sobrevivência. Não é esmola, como vemos em grande parte das ações mostradas como glamour pelas telinhas. Trabalhos voluntários, entendidos como uma responsabilidade de cada pessoa, independe de sua classe social e ganha a dimensão de uma ação que deve ser inerente a todo cidadão, que, justamente com os demais membros de sua comunidade, seja ela qual for, envidará esforços para superar os problemas vividos e alcançar seus anseios. (PAIVA, 2003, p.158)



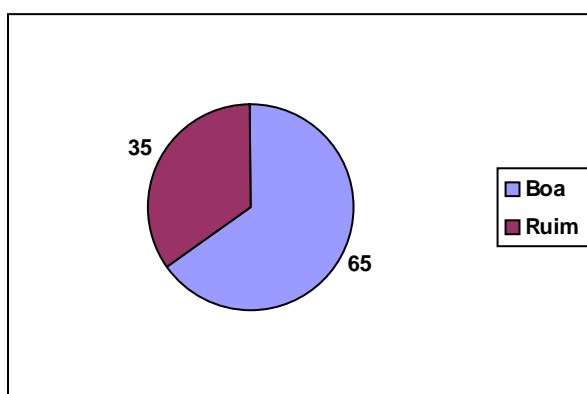
## 2 Como os Alunos avaliam sua formação na disciplina Teorias do Lazer

**Gráfico 6: Opinião sobre qualidade da fundamentação teórica**



Dos 96 respondentes, 67% dos alunos afirmaram que tiveram boa fundamentação teórica, contra 33% que disseram que foi ruim, que não tiveram boa fundamentação teórica.

**Gráfico 7: Opinião sobre a qualidade da fundamentação prática**



Nesse gráfico 65% dos alunos revelam que tiveram uma boa fundamentação prática, contra 35% que não tiveram.

O gráfico 6 revela outro dado bastante importante na avaliação, pois a maioria demonstra que está satisfeita com ambas, a fundamentação teórica e a prática, e também com a disciplina Teoria do Lazer.

Isso nos faz crer, que na disciplina Teoria do Lazer, oferecida neste curso de Educação Física, existe uma unidade entre teoria e prática, o que é fundamental, para a construção do saber docente cotidiano, não podemos dissociar uma da outra. Pela mesma razão, é imprescindível a articulação teoria-prática no processo de formação, pois só assim poderemos ter a prática discutida, refletida e transformada à luz da fundamentação teórica.

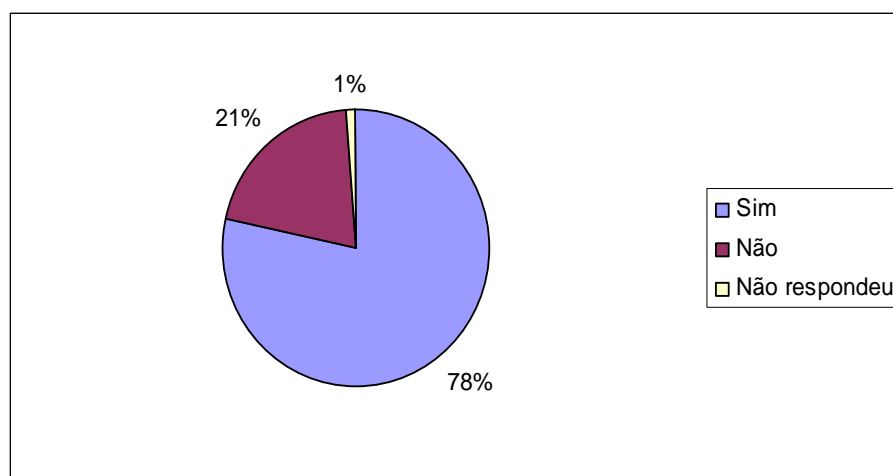
Segundo Caldeira :

Quando se trata da formação inicial, critica-se a desvinculação entre os conteúdos formais e a prática profissional na escola. De modo geral a academia privilegia a teoria (conhecimento científico), em detrimento da prática (saber da experiência).

Os programas de formação inicial costumam estar separado dos problemas reais que o professor deve enfrentar em seu trabalho cotidiano.

Assim, um dos desafios da formação inicial é trazer, para reflexão nos cursos de Licenciatura, a realidade escolar. (CALDEIRA. 2001, p. 91)

**Gráfico 8: Participação em estágios**



Dos 96 respondentes, nota-se que 78% dos alunos afirmaram ter participado de estágios na disciplina; contra 21% que não participaram, e apenas 1% que não respondeu nada.

O gráfico 8 demonstra que a maioria participou dos estágios, o que é um dado bastante relevante, na medida que a aprendizagem se dá, efetivamente, quando existe uma inter-relação entre teoria e prática.

Como vimos, a formação do futuro professor deve ser desde o princípio permeado por uma sólida relação entre teoria e prática.

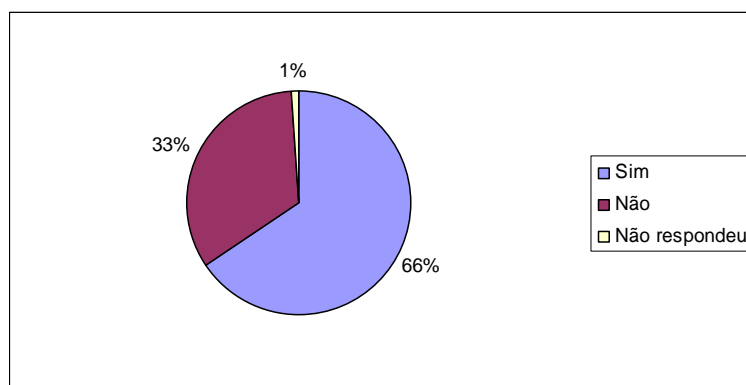
Segundo Andrade:

... a CES/CNE indicou que uma das preocupações que os novos currículos de graduação do país deveriam ter é o de encorajar o fortalecimento da unidade teoria e prática por meio de atividade de pesquisa, estágios, monitorias e atividades de extensão, e prever orientações para avaliações periódicas sobre as atividades de formação.” (ANDRADE. 2001, p.26).

É através do intercâmbio reflexivo, constante entre teoria e prática, que os futuros docentes compreenderão a complexidade das realidades sociais nas quais estão envolvidos, e adquirirão competência para enfrentar e responder os desafios que encontrarão, contribuindo para a transformação e construção de uma sociedade mais justa.

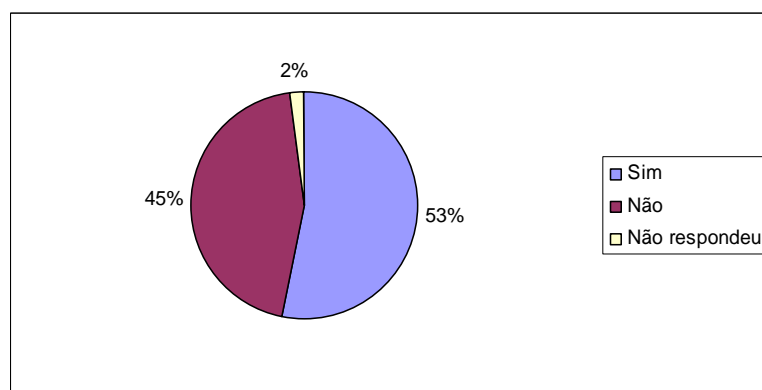
Segundo Perrenoud (1993, p.37), “carecemos de práticas pedagógicas que se baseiem em uma articulação entre teoria e prática, nos programas de formação profissional.”

O autor propõe que os alunos sejam iniciados, o mais rapidamente possível, na prática da investigação, pois isto ajudaria a ver a prática com outros olhos.

**Gráfico 9: Autonomia para elaborar um Projeto de Lazer e Recreação**

Esse gráfico nos aponta que de 96 questionários aplicados, 66% dos alunos responderam que são capazes de elaborar e colocar em prática um projeto de lazer e recreação, contra 33% que responderam negativamente e apenas 1% que não respondeu nada.

Baseado na resposta da maioria dos alunos, que disse ser capaz de elaborar um projeto de lazer e recreação, pode-se, mais uma vez, afirmar a importância da relação teoria - prática na formação do futuro profissional. É através desta prática vivenciada desde o início do curso, e do diálogo com a teoria, que o aluno vai adquirindo, gradativamente, habilidade e segurança para desenvolver com autonomia e competência.

**Gráfico 10: Avaliação sobre a disciplina quanto à formação profissional crítica, reflexiva e transformadora**

Observa-se que dos 96 respondentes, 53% afirmaram que a disciplina proporcionou-lhes condições de atuarem profissionalmente, de forma crítica reflexiva, contra 45% que responderam negativamente, e apenas 2% que não respondeu nada.

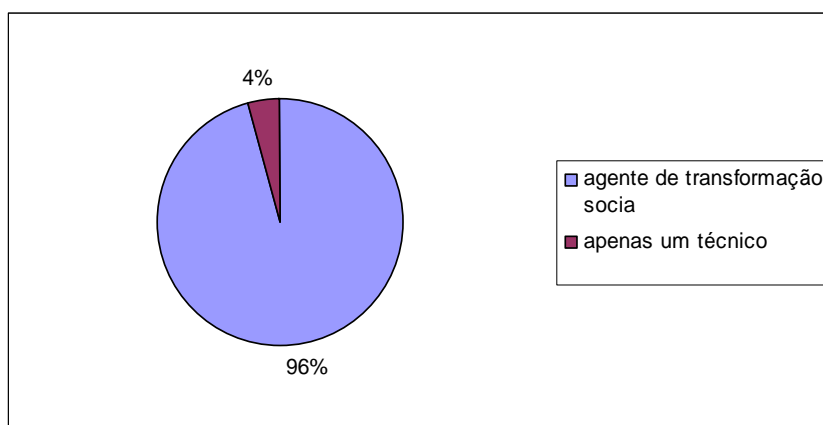
O gráfico 10 evidencia um dado muito significativo quando constatamos que mais da metade dos alunos estão caminhando para a elaboração de um processo de construção histórico-crítico sobre uma atuação profissional consciente, crítica e transformadora; os outros 47%, provavelmente, estão a seu tempo, caminhando também para esse processo de amadurecimento.

Muitos cursos de Educação Física ainda estão fundamentados em propostas mecanicistas, tecnicistas, militarescas, onde, na licenciatura, as ações pedagógicas seguem um modelo de reprodução, acrítico e alienante, e o que predomina nas aulas é o esporte, técnicas e habilidades esportivas, treinamento esportivo, performance, competição e classificação por desempenho, avaliação somativa, entre outras. Atualmente, podemos observar, no entanto, que já existem cursos que estão se estruturando numa perspectiva da educação física crítica-reflexiva, em que as ações estão voltadas para uma maior compreensão do corpo, em todas as suas particularidades e dimensões: físicas, mentais, afetivas, sociais, culturais, éticas e estéticas.

Assim, quando hoje refletimos sobre a licenciatura vemos que as aulas de educação física, nessa perspectiva passam a ter como objetivo central o desenvolvimento integral do aluno. As novas práticas procuram despertar no aluno, uma maior compreensão de seu corpo, do corpo do outro, como sendo este *corpo* a expressão de sua própria cultura, entender, inclusive, que as particularidades de gestos e movimentos corporais estão vinculadas diretamente ao seu meio físico e social, por isso não podem ser iguais e seguirem modelos padronizados. São propostas que valorizam as atividades cooperativas, integrativas, criativas, culturais, que procuram através de jogos cooperativos, recreações, dinâmicas de grupo, danças, lutas, estudo sobre fisiologia, alimentação, meio ambiente, sexualidade, entre

outras, levar os alunos, através de uma prática reflexiva, a sentirem-se valorizados e capazes de tornarem-se sujeitos construtores e transformadores da própria história.

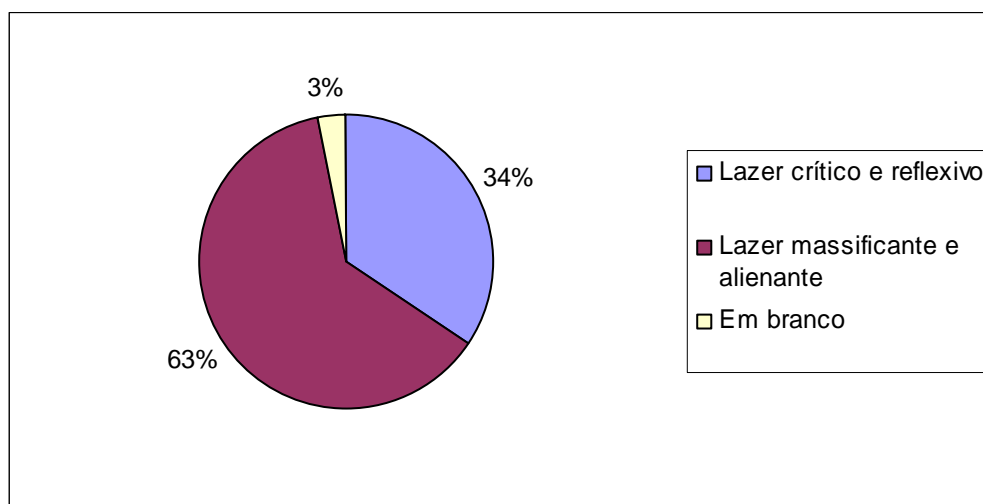
**Gráfico 11: Profissional - agente de transformação social ou apenas um técnico?**



Nesse gráfico nós observamos que dos 96 respondentes, 96% dos alunos questionados sobre o perfil do profissional do lazer e da recreação, responderam ser este um agente de transformação social, contra apenas 4% que o considera só um técnico.

O gráfico 11 traz também um dado bastante animador, quando constatamos que quase 100% dos alunos acreditam que o profissional do lazer vislumbra sua ação como uma possibilidade de mudança da realidade. Acredita-se que esta postura seja o reflexo desta nova perspectiva dos cursos de educação física, conforme discutido anteriormente.

A partir do momento em que se criam espaços para reflexões, o aluno é capaz de pensar criticamente e criativamente sobre seu papel social e passa a intervir na realidade, através de uma prática mais criativa e criadora. Como podemos notar, através dos dados aqui obtidos, os alunos têm oportunidade de refletir sobre os problemas sociais e culturais do lazer e da recreação, e adquirirem uma visão consciente do profissional dessa área.

**Gráfico 12: Avaliação sobre as propostas do lazer contemporâneo**

Observa-se que dos 96 respondentes, 63% dos alunos responderam que as atividades de lazer da sociedade contemporânea são massificantes e alienantes, contra 34% que responderam que o lazer oferecido é crítico e reflexivo e apenas 3% que não responderam nada.

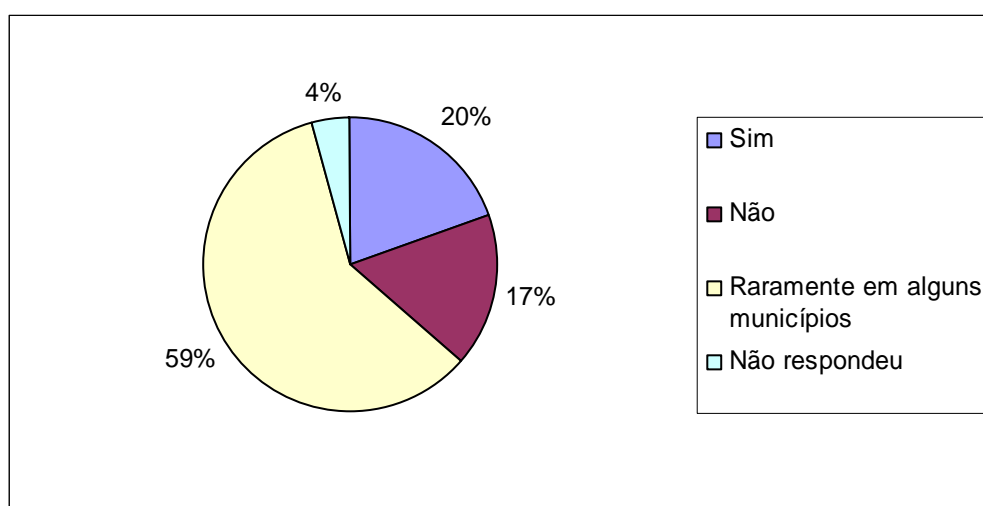
O gráfico 12 vem também, mais uma vez, reforçar o que temos observado no processo de formação dos alunos desta instituição de ensino, que cursam a disciplina Teoria do Lazer. Os alunos estão passando ainda por um processo de construção, não só do conhecimento específico que a disciplina oferece, mas também do conhecimento mais amplo, que envolve questões políticas, econômicas, sociais e éticas.

Portanto, notamos que na disciplina Teorias do Lazer, o professor tem abordado questões de ordem cultural, social e política do lazer, com seus alunos, levando-os a perceberem que apesar de vários estudiosos do lazer se preocuparem em oferecer lazer para todos, o que temos em nossa sociedade é um lazer elitizado, onde os comportamentos **de** lazer e **para** o lazer, atendem a indústria do entretenimento, e o que temos na nossa sociedade é um lazer de consumo.

Segundo Gutierrez (2002, p.100)

...as atividades de lazer estão, assim como qualquer outro tipo de atividade, integradas pela dinâmica do mercado. O que significa isso? De uma forma extremamente resumida, significa que a sua expansão ocorre de modo coerente com a lógica do mercado, ou seja, desenvolver-se mais, e mais rapidamente, na direção que proporciona maior expectativa de retorno aos agentes econômicos que detêm recursos financeiros para empreender iniciativas empresariais. E, no sentido inverso, serão menos desenvolvidas as atividades com pequeno potencial de retorno.

**Gráfico 13: Avaliação das Políticas Públicas de Lazer e Recreação**



Dos 96 respondentes, 59% responderam que raramente existe política pública de lazer e recreação, contra 20% que acreditam que existe e 17% que acreditam que não existe, e apenas 4% que não responderam nada.

O gráfico 13 demonstra que mais da metade dos alunos concorda que as políticas públicas de lazer e recreação são raramente eficientes em alguns municípios; este dado também é bastante significativo na medida em que mais uma vez nos mostra que boa parte dos alunos da turma de 2003, se interessa com questões relativas ao lazer para todos.



Apesar do lazer ser um direito de todo cidadão, garantido pela constituição, o que realmente presenciemos é um total descaso sobre isso. O que se encontra nas secretarias de Esporte, Lazer e Cultura, em muitos municípios, é meramente um ou outro programa voltado para o esporte espetáculo, apresentado por atletas de alto rendimento, em detrimento do lazer e do esporte como direito de todos. Ressaltamos aqui, que segundo Dumazidier (1980), as atividades de lazer podem ser classificadas em 5 categorias, de acordo com o interesse do praticante.

1. Interesse físico, como por exemplo, atividades físicas em geral;
2. Interesse artístico, como por exemplo, trabalhos manuais, bricolagem, jardinagem, artesanato, pintura;
3. Interesse intelectual, como por exemplo, ler um livro, assistir a um filme, ir a um vernissage, apreciar uma obra de arte, ir a conferências, entre outras;
4. Interesse social, como por exemplo, ir ao clube, ao baile, sair com amigos para um bate-papo, ir à igreja, ir a shows, entre outras;
5. Interesse turístico, como por exemplo, fazer uma viagem, visitar lugares turísticos, entre outras.

Apesar das atividades de lazer serem muitas, como vimos acima, os departamentos de esporte, lazer e cultura, acabam mesmo oferecendo só a atividade ligada aos interesses físicos, priorizando sempre o esporte de alto rendimento.

Godoy, descreve que :

Devemos ressaltar que não somos contrários ao esporte de alto nível, que proporciona belíssimos e envolventes espetáculos, mas não cabem ao poder público e às estatais sem concorrentes, a manutenção, o custeio e o patrocínio de atletas e de equipes. Esse apoio fica melhor aos clubes e à iniciativa privada. (GODOY,1995, p.89)

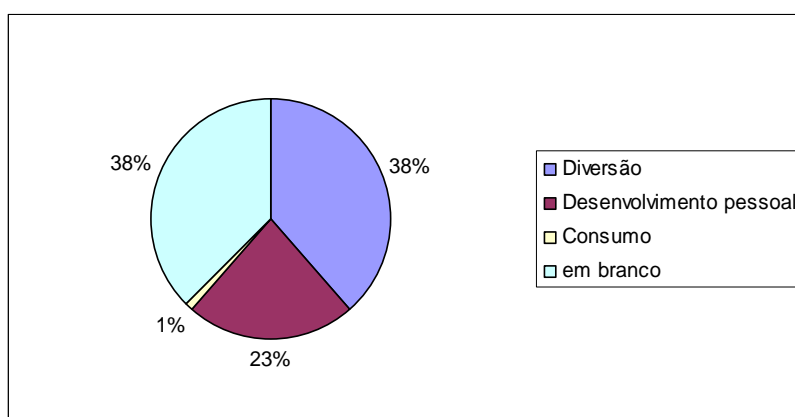
Toda essa problemática sobre as políticas públicas em lazer, é conseqüência, primeiramente da falta de um conceito claro de lazer, tanto por parte dos dirigentes, como por parte da população e, depois, por falta de uma democratização em nossa sociedade.

As políticas públicas ainda não são concebidas como linha de ação coletiva, mas individual.

Acreditamos que o que deve nortear uma administração democrática e popular é uma gestão participativa que valorize a participação da população e dos movimentos sociais, na gestão das políticas públicas.

### 3 Concepções dos Alunos sobre Lazer e Recreação

**Gráfico 14: Concepção de lazer e recreação**



Dos 96 respondentes, 38% dos alunos responderam que o lazer é apenas diversão, contra 38% que não responderam nada, 23% que concordam que ele serve para o desenvolvimento pessoal, e apenas 1% que tem a concepção de lazer como sendo consumo.

O gráfico 14 aponta dados bastante significativos que nos levam a refletir, mais profundamente, sobre suas respostas. Por isso, optamos nesta questão aberta, caracterizá-las em: concepção acrítica, concepção crítica reprodutora e concepção crítica transformadora.

### 3.1 Concepção Acrítica

Concepção acrítica apóia-se numa perspectiva conservadora das funções sociais e culturais do lazer.

Nesta visão o que prevalece é a manutenção de nossa realidade opressora, quanto aos aspectos referentes ao lazer. As pessoas que tem essa concepção, apenas reproduzem o que é imposto, nesse sentido aceitam o lazer como algo neutro, que serve apenas para o descanso (reposição de forças) ou para o divertimento; são aqueles que não têm a percepção que esse divertimento é padronizado e imposto por uma sociedade de consumo, que visa vender as atividades de lazer, como se fossem mercadorias, e que utilizam a mídia para divulgar esse Lazer mercantilizado.

Assim, o lazer é considerado apenas como uma atividade que deve ser consumida e passivamente absorvida.

A conseqüência imediata desse tipo de entendimento constitui um excelente instrumento utilizado por diferentes sociedades e culturas, para desenvolver os processos de conservação e adequação dos sujeitos aos valores tidos como desejáveis, para a manutenção de nossa realidade de consumo.

Para melhor ilustrar esta concepção selecionamos algumas respostas dos alunos:

*“Lazer e recreação, são atividades que visam atingir o lúdico das pessoas em busca de divertir e trabalhar com o sistema muscular cardíaco, respiratório e outros”.*

*“Lazer - momento de descontração e diversão (descanso)”.*

*“É uma forma das pessoas relaxarem, saírem da rotina, só divertir”.*

*“Diversão”.*

*“Lazer é a atividade que traz prazer ao ser humano”.*

*“Lazer é um momento ocioso, no qual você esquece seus problemas e responsabilidade do dia a dia”.*

*“Entreter, divertir, sair do cotidiano”.*

*“É toda a atividade física ou não que traz prazer ao praticante, fora do horário de trabalho”.*

*“Divertimento pessoal”.*

*“Seria um lugar onde as pessoas se divertissem, sem preocupação com trabalho, fizesse apenas o que quiser”.*

Notamos que para esses alunos, o lazer representa tão somente, divertimento, prazer, descontração, relaxamento, descanso, fazer o que quiser. Uma visão bastante reducionista do lazer.

Em nenhuma dessas respostas encontramos alguma alusão ao lazer educativo, aquele que promove ações sociais e culturais, que possibilite a participação das camadas populares, levando esses praticantes a estarem resgatando e fazendo cultura; como observa o nosso professor entrevistado, “também se apropriando de novas culturas, de uma cultura mais universal, ampliando com isso seu universo cultural”.

Essa nova prática de uma educação **do e pelo** lazer só é possível concretizar-se, através de práticas reflexivas que deem ao cidadão o direito de estar construindo uma nova realidade social. Segundo Werneck (2002, p.29).

Um lazer que educa, diferente do lazer de consumo. Pois este último, tem como finalidade, levar os praticantes a uma diversão padronizada, oferecida a altos custos, pela indústria cultural, levando-os a tornarem-se consumidores alienados de mercadorias do lazer, oferecidas pela indústria do entretenimento.

Esse lazer mercantilizado se torna uma via de diferenciação entre classes e grupos sociais, afinal, hoje em dia, a maioria da população não tem condições de se apropriarem desses produtos oriundos da indústria cultural.

Como cita Werneck (2002, p.30) :

Em nosso meio, certamente encontramos diversas opções de lazer que não exigem gastos substanciais, como por exemplo ir a uma praça, à praia (no caso das pessoas que residem no litoral), ou qualquer outro espaço público. Não há dúvidas de que podemos fazer isso sem gastar nenhum tostão.

Por isso a urgência de uma educação para o lazer, inclusive nos cursos de formação dos futuros profissionais que integrarão essa área (direta ou indiretamente).

### **3.2 Concepção Crítica Reprodutora**

Esta concepção denuncia o lazer oficial dominante. É aquela que se revela capaz de fazer a crítica do existente, de explicitar os mecanismos de coerção pelo lazer, mas não tem proposta de intervenção prática, isto é, limita-se a constatar e, mais do que isto, a aceitar que é assim e não pode ser de outro modo. Não são apontadas alternativas de mudança. Levantam-se questionamentos importantes, porém sem apresentar propostas, por exemplo: Será que o lazer apresentado na sociedade de hoje, é um lazer em que toda a população tem acesso? Quem seleciona as atividades de lazer? Quais os interesses envolvidos na apresentação desse lazer consumista? Serão as atividades de lazer resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes sociais, ou é um produto da classe dominante? Que ações podem ser estabelecidas e colocadas em prática, para que haja mudanças?

Selecionamos aqui, para melhor ilustrar a visão dos alunos, algumas respostas :

*“Acho muito importante para um melhor desenvolvimento humano através de atividades recreativas estimulantes”.*

*“Lazer e recreação são oportunidades de se utilizar bem, momentos de ócio ou dentro da empresa, da escola e em outros ambientes proporcionar descontração, bem-estar, saúde e qualidade de vida às pessoas e conhecimento cultural”.*

*“São atividades criadas para desenvolver conceitos como coordenação motora, integração entre grupos, trazer a chance de manifestação individual, expressão corporal e intelectual grupal e individual e diversão com o objetivo de ensinamento e aprendizagem”.*

*“Minha concepção visa um lazer que modifica o pensamento com atividades lúdicas, porém isso não ocorre de fato, serve apenas como lazer puro / num objetivo específico”.*

*“Lazer é o indivíduo estar fazendo o que ele gosta, na sua hora de folga. Esse lazer pode até ser dormir se para ele isso é prazeroso. Normalmente, os pontos de lazer são clubes, shoppings. Vale ressaltar ainda que lazer é a pessoa fazer porque quer e não porque é imposto”.*

*“Para mim é buscar a integração, geralmente visando valores como ganhar e perder, trabalho em grupo, fazer novas amizades, e até mesmo um bom preenchimento do tempo ocioso dessas crianças”.*

*“Recreação são atividades de cunho social, cultural e lúdica que possam descontrair e também educar, dependendo da faixa etária”.*

*“Promover interação entre as pessoas visando o bem estar de todos os indivíduos nas atividades proporcionando melhores condições de vida para a sociedade”.*

*“Não é só uma forma esportiva de se descontraír, mas também cultural, que traz às pessoas prazer, além de uma socialização”.*

*“Na minha opinião é tudo que promove ao indivíduo uma oportunidade de sair da rotina e do stress e ao mesmo tempo promove a socialização e somando conceitos que nos ajuda a crescer e ampliar nossos conhecimentos”.*

*“Atividades que promovem as pessoas uma integração através de jogos, brincadeiras, etc”*

*“Um comércio onde para o ser humano adquirir um lazer, não o faz sem condições financeiras apropriadas, pois tudo hoje em dia gira em torno de economia, não seria diferente com o lazer e a recreação”.*

### **3.3 Concepção Crítica Transformadora**

Apóia-se na crítica do existente e na descoberta da verdade histórica. O lazer que interessa é aquele constituído coletivamente, que pensa e reflete o mundo na sua contextualidade. O lazer que é produzido historicamente, que se constrói dialeticamente (com dúvidas e contradições). Nesta linha de pensamento, encontramos aqueles que compreendem o lazer como sendo determinado por contradições internas da sociedade capitalista, por isso não assimilam o lazer enquanto resultado, produto pronto e acabado para ser consumido, mas como processo de produção. O lazer é uma produção social e histórica, não é “obra” pronta e acabada de determinado grupo social. É obra de cada grupo social, independente dos demais. Por isso, não pode ser apenas um elemento de reprodução, mas um elemento que impulsiona a tendência de emancipação da sociedade.

A análise que se faz para compreender o lazer aqui, não é uma análise crítico-mecanicista, mas crítico-dialética, por isso o lazer não pode ser baseado na cultura dominante, em que só os sujeitos pertencentes a essa

classe compreendem esse código, mas o lazer deve ser entendido a partir dos conceitos de emancipação e libertação.

No entanto, para que o lazer seja compreendido e transformado é necessário questionarmos: Quais os interesses envolvidos no lazer contemporâneo? O que se pretende com esse lazer? Divertimento? Descanso? Desenvolvimento pessoal? É adequado a todos?

E, partindo desse questionamento, construir propostas para implementar um lazer para todos, o que significa levar cada grupo social à sua emancipação cultural, através de uma educação para e pelo lazer, onde os praticantes passam a ter uma visão crítica sobre o tema, não aceitando uma única cultura do divertimento, imposta pela indústria do entretenimento, mas trabalhando com os grupos sociais numa perspectiva de um lazer multicultural, onde todos os tipos de divertimento sejam respeitados e praticados. Essa seria a sociedade democrática que valoriza e respeita o pluralismo.

Nenhuma resposta foi selecionada para ilustrar essa concepção.

Acreditamos que essa postura de não responder às questões acima, demonstram que, apesar da minoria, alguns alunos já têm uma concepção mais crítica sobre o tema lazer e recreação, mas não propõem nenhuma alternativa para que seja revertido o quadro atual das questões relativas ao tema em nossa sociedade, criando apenas um discurso vazio.

Por isso os cursos de formação do profissional de educação física voltados para a área do lazer e da recreação, devem se preocupar, desde o início, com o desenvolvimento da prática reflexiva sobre as questões sociais, suas diferentes abordagens, e além disso, oferecer aos alunos, projetos de extensão junto à comunidade, para que eles se sintam capazes de relacionar os conhecimentos obtidos na teoria com a prática. Isto deve acontecer através do ensino-pesquisa-extensão. Acreditamos que essas vivências aumentam a compreensão dos alunos em relação à realidade que os cerca e, conseqüentemente, a busca de alternativas que venham solucionar estes problemas.



Estas questões abertas, referentes à concepção de lazer e recreação, dos alunos entrevistados, nos oferecem dados que merecem uma reflexão mais profunda a respeito de questões referentes à formação do futuro profissional desta instituição.

Analisando as respostas obtidas no questionário, notamos que existe um conflito de conceitos, entre as questões abertas e as fechadas.

Nas questões fechadas, os alunos apresentaram uma visão crítica quanto às concepções de lazer e recreação. Já nas questões abertas, principalmente na que tratou diretamente da concepção sobre lazer e recreação, constatamos que grande parte deles não tem uma concepção clara a respeito do que seja uma coisa ou outra.

Quando analisamos as respostas dadas pelos alunos no gráfico sobre a concepção de lazer e recreação, vimos que só 38% deles têm uma visão acrítica do fenômeno, quase sempre relacionada a simples brincadeiras ou passatempos. Os outros 38% nem responderam a pergunta, talvez por falta de atitude reflexiva perante o assunto, ou por falta de amadurecimento do tema. Apenas 23% apresentou uma postura crítica e, mesmo assim, não propôs alternativas para mudanças no quadro vigente.

Esta variável nas respostas obtidas, pode estar relacionada ainda a uma visão tradicional do lazer, encontradas em nossa sociedade.

A maioria das pessoas, vê o lazer apenas como um momento de divertimento, descanso e consumo. Esta visão reducionista que grande parte da população tem a respeito do assunto, é fruto da ideologia de uma sociedade de consumo, que na maioria das vezes utiliza a mídia para transmitir esta visão mercantilizada do lazer.

Werneck cita:

Seguindo esta linha de pensamento, muitas vezes o ideal não seria passar as férias, que tanto custaram a chegar, em casa (o que pode se tornar um verdadeiro martírio, acentuando o desejo de retornar ao trabalho o mais rápido possível). O ideal seria curtir-las naquele *resort*, ou naquele *spa*, situados em

locais apazíveis, como indicaram vários anúncios na televisão.

O ideal não seria passar o feriado no parque público da cidade, mas naquele parque temático que parece ser a própria aventura. O ideal não seria ficar batendo papo com os amigos na praça do bairro, mas no shopping, onde é possível passear, “ver gente bonita”, paquerar...e consumir (WERNECK, 2002, p.30)”.

Por isso, é necessário e urgente que os cursos de formação dos futuros profissionais da área do lazer e da recreação, se empenhem em capacitar seus alunos não só a refletirem sobre as questões sociais, econômicas e culturais que envolvam o lazer e a recreação, mas também que ofereçam uma formação que os possibilite a envolverem-se com projetos e ações de lazer, que garantam a implementação de um lazer democrático.

Segundo Isayma (2002, p.112)

No que se refere ao campo do lazer, para que a formação e a atuação profissional se consolidem sobre a perspectiva da animação sociocultural, é imprescindível a realização de estudos aprofundados sobre as relações mais amplas que são engendradas nas vivências de lazer, o que pode levar a maior compreensão do nosso cotidiano, considerando os diferentes pontos de vista, interesses e conhecimentos que engloba. Nesse caso, ação/reflexão/ação é um encaminhamento fundamental, e o profissional deve tornar-se pesquisador de sua prática, reforçando o compromisso com o avanço do conhecimento e com a compreensão da realidade, promovendo uma interação entre teoria e prática.

Notamos que, lamentavelmente, muitas vezes se pensa que para atuar na área do lazer e da recreação não é necessário ter uma formação com conteúdos específicos e um aprofundamento sobre esse fenômeno. No entanto, a ação profissional consciente e transformadora requer um aprofundamento sobre esse tema.

Por isso, nos currículos desses cursos devem ser enfatizados conteúdos que incluam uma visão do lazer através dos tempos históricos, do trabalho, do tempo livre, do lazer na sociedade contemporânea, de conceitos de lúdico, de ócio, de espaços e equipamentos, do papel do recreacionista, das políticas públicas de lazer e recreação, do lazer educativo e humanizado, das técnicas de atividades de recreação e lazer, da elaboração e execução de projetos de lazer e recreação, tanto para o setor privado quanto para o setor público.

Segundo Marcellino (2000), não adianta só ensinar nossos alunos a apontarem as falhas do sistema, este discurso dito revolucionário, é trabalhado em sala de aula, de forma arcaica. É preciso mexer com a razão e os sentimentos dos alunos, senão não sairemos da mesmice de uma crítica rabugenta. É preciso levar nossos alunos a proporem e construírem coisas novas. Formas novas de lazer. Essa crítica vazia só contribui para o conformismo do sistema. É preciso superar a análise crítica pelo exercício da criatividade, buscando assim, alternativas que possam contribuir para a formação de um profissional crítico, mas também criador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi o de analisar as concepções de lazer e recreação dos alunos de uma turma de graduação em Educação Física, e a partir da análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, fomentar discussões a respeito da constituição dos conteúdos, dos eixos temáticos e das metodologias abordadas na disciplina Teoria do Lazer, e repensar sobre as possibilidades de implementação do aprofundamento em lazer e recreação, nos currículos de graduação em Educação Física, principalmente no que se refere às questões educativas.

Pela análise e discussão dos dados coletados articulado com o referencial teórico, concluímos que existe um grande conflito de conceitos entre as questões abertas e as fechadas do questionário. Nas questões fechadas, os alunos apresentaram uma visão crítica do lazer e da recreação, ao passo que nas questões abertas, a maioria demonstrou ter uma visão acrítica sobre o tema, ou deu a impressão de não estarem capacitados para se posicionar a respeito, pois a maioria deixou a resposta em branco.

Apesar de considerarmos que o enfoque do professor entrevistado, (responsável pela disciplina, Teoria do Lazer) foi abordar o tema numa percepção crítico-reflexiva, (pois a sua fundamentação teórica é galgada em autores da sociologia do lazer, como podemos observar na bibliografia que utiliza em seu Plano de disciplina (anexo 2)), quando fazemos uma análise dos objetivos do Plano, fica nítido a ênfase que se dá à formação do

profissional de lazer e recreação, voltada aos conteúdos físico-esportivos, ou seja, mais à animação e ao simples entretenimento. O próprio professor afirma que: quer queira, quer não queira, acaba levando seus alunos a participarem de grandes eventos recreativos que atendem ao lazer consumo.

Acreditamos também que outros entraves dificultam um maior aprofundamento e uma melhor elaboração de idéias e reflexão dos alunos em relação às concepções sobre o tema Lazer e Recreação.

Notamos que uma das principais barreiras ainda se refere à formação anterior deste aluno. Desde a educação básica não lhe é oferecido a oportunidade de aprender a construir seu conhecimento através de práticas pedagógicas que o levem a desenvolver o espírito investigador, questionador, crítico reflexivo e criador. Os conteúdos já vêm prontos, acabados e determinados, só restando ao aluno a função de assimilá-los de forma mecânica e alienada.

Lamentavelmente os alunos chegam aos cursos de graduação sem uma visão histórica, social, crítica sobre os problemas da sociedade em que vivem. Não são capazes de interagir com os conteúdos específicos de sua disciplina, com problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais. Sua visão é parcial e limitada sobre os conteúdos, não são capazes de formular pensamentos gerais e abstratos a partir de problemas concretos. Para superação desse problema, na graduação, é necessário que os responsáveis pela elaboração dos cursos exijam que os conteúdos trabalhados em cada disciplina sejam contextualizados com os problemas que envolvem a sociedade; que o aluno tenha oportunidade de, através de leituras, discussões e de uma prática contextualizada, refletir e interferir nos problemas que afetam a sociedade. Daí, a necessidade de envolver os graduandos em muita leitura, pesquisa, grupos de estudo, trabalhos de extensão. Só assim serão capazes de um envolvimento real com o novo conhecimento e agirem em busca de novas alternativas para os problemas.

Encontramos outros obstáculos também relativos à formação dos futuros profissionais do lazer e recreação, a saber:

- A visão reducionista que têm sobre o tema, devido à visão mercantilizada, consumista que nossa sociedade transmite sobre o lazer e a recreação, projetando, inclusive, uma idéia banalizada do profissional de lazer e recreação, como aquele que serve para entreter e divertir, a todo custo, as pessoas, utilizando-se de técnicas muitas vezes infantilizadas, alienantes e saturantes que, segundo Marcellino (2001), apresentam uma fachada estereotipada de “bobos da corte”.
- Enfatiza-se somente o conteúdo físico-esportivo do lazer, o que representa um aprofundamento muito específico. O lazer e a recreação nesta ótica ficam restritos a um único campo de interesse: jogos, esporte, ginástica, danças, lutas, idéia essa que discordo, pois a tendência voltada para o isolamento profissional do lazer é problemática, porque a ação, nesse caso, torna-se muito restrita, e o futuro profissional, sem acesso à diversidade cultural que permeia o lazer, estará valorizando apenas um aspecto do lazer, desconsiderando a importância de se trabalhar com todos os conteúdos que este oferece. O profissional de Educação Física, seja ele licenciado ou bacharel, deve ter acesso e trabalhar com todos os conteúdos do lazer, segundo classificação de Dumazidier (1999), físico-esportivas, manuais, intelectuais, artísticos e sociais.

Segundo Isayama (2002, p.102-103)

... não acredito que no contexto dos cursos de graduação em Educação Física o conhecimento teórico-prático, relacionado ao lazer, deve-se restringir à perspectiva das atividades físico-esportivas. O acadêmico de Educação Física, para lidar com a multiplicidade de interesses relacionados ao lazer, não precisa ser um exímio dançarino, músico, artista plástico ou mesmo um esportista, dimensões que ultrapassam a especificidade da formação profissional nessa área. Mas o profissional de Educação Física qualificado para atuar no campo do lazer, necessita, contudo, aprender o conjunto de competências gerais e específicas para o planejamento, a execução, a orientação e a avaliação das propostas ligadas ao lazer, além dos fundamentos teórico-práticos essenciais

Acreditamos, que aprendendo esse conjunto de competências e habilidades, as ações do profissional de Educação Física poderão se voltar para programas mais diversificados e abrangentes, ampliando os espaços para a participação de outros profissionais, de outras áreas do conhecimento e para o trabalho em equipe, bem como estabelecer ações multidisciplinares sobre o lazer.

Destacamos ainda outros fatores que se colocam como obstáculos:

- A falta de políticas públicas, ou políticas de ações culturais em nossos municípios, levam a população, inclusive nossos alunos, a uma falta de conscientização sobre seus direitos e deveres em relação ao lazer e à recreação. Muitos vêm o lazer apenas como uma mercadoria de consumo.
- A presença de muitos profissionais da educação física, entre eles professores da graduação, atuando no campo do lazer e recreação com visão reducionista sobre esse fenômeno. E entendemos que para atuar nessa área específica, é necessária uma compreensão crítica sobre as questões gerais acerca dessa temática.
- Reduzido número de grupos de estudo e pesquisa sobre o tema lazer e recreação nas faculdades de Educação Física.
- A dicotomia teoria e prática, encontrada no processo de formação dos alunos. Nesta pesquisa, particularmente, notamos que o discurso do professor não é coerente com sua prática profissional.

Diante desse impasse, queremos apresentar algumas sugestões, baseadas em nosso referencial teórico:

- Desde cedo os alunos deveriam ser iniciados nas atividades práticas, pois só assim, com a prática discutida e refletida à luz de uma sólida fundamentação teórica, eles serão capazes de

compreender a complexidade das realidades sociais nas quais estão envolvidos, e adquirir competência para enfrentar e responder aos desafios que encontrarem .

- Apontamos a necessidade de se oferecer aos graduandos em Educação Física uma formação humanística, oportunizando a estes, uma compreensão e um envolvimento com problemas sociais, econômicos, políticos, ambientais de nossa sociedade e da sociedade mundial, proporcionando-lhes situações concretas, a fim de ampliar as chances de uma mudança na estrutura vigente, principalmente no que diz respeito às questões do lazer.
- São vários os entraves que encontramos, ainda na área do lazer e recreação, principalmente no que diz respeito à formação do futuro profissional. Por isso, torna-se necessário buscarmos alternativas para que nossos profissionais da educação física venham para atuar na área do lazer e da recreação com uma sólida fundamentação teórica e prática, sobretudo, comprometidos com as mudanças da realidade consumista encontrada em nosso meio, através de uma educação *pelo e para* o lazer.

Para que isso ocorra, julgamos ser de grande utilidade o desenvolvimento de ações pedagógicas nas disciplinas que abordam os conteúdos do tema lazer e recreação, para que levem nossos alunos, futuros profissionais a :

- Re-valorizar a cultura popular, em detrimento da cultura de elite;
- Elaborar, executar e avaliar projetos de lazer e recreação, realizados em parcerias, convênios e iniciativas das comunidades, objetivando atender os mais diferentes segmentos da sociedade. Para que isto seja possível torna-se necessário que os conteúdos sejam desenvolvidos nos alunos de forma crítica e reflexiva, na tentativa de superar essa visão restrita de lazer e de atuação profissional;



- Atuar numa sociedade em permanente transformação cultural e social, utilizando-se do conhecimento técnico e científico e de sua aplicabilidade na realidade social;
- Implementar políticas públicas participativas, construídas coletivamente, balizadas pelos princípios de proteção, conservação e preservação do patrimônio histórico-cultural e dos recursos naturais, compatibilizando-os com o desenvolvimento social e as vivências do lazer;
- Coordenar programas, projetos e eventos de lazer norteados pelos princípios da honestidade, da ética e da transparência administrativa;
- Compreender as diversas interfaces que interferem na vivência do lazer e as diferentes áreas do conhecimento, que proporcionam uma compreensão ampla do fenômeno lazer;
- Compreender a cultura como elo da cadeia de transformação social.

A educação *pelo* e *para* o lazer, segundo propõe Marcellino (2004), e que propomos para o curso de Educação Física precisa voltar-se ao aprofundamento da liberdade no tempo e nos modos de acesso às diferentes formas de cultura, com a finalidade de participação prazerosa do sujeito. E isto requer a construção de novos conceitos de lazer, recreação e educação, conseqüentemente, os cursos de formação dos futuros profissionais devem se preocupar em valorizar, no processo educativo, o acesso às diferentes formas de cultura como diversão, considerando como prioridade o *ser* que se recreia e sua participação efetiva nas propostas de lazer. Tudo isso mostra a necessidade de se discutir as políticas públicas de lazer em nossa sociedade, e levar nossos alunos a estarem aptos para planejar e executar projetos de lazer e recreação educativos e humanizados.

Nossa proposta é que os conteúdos oferecidos nos cursos de graduação em Educação Física, enfoquem o lazer não só como

entretenimento, enquanto consumo, mas também como conhecimento, apontando saídas importantes para a educação hoje.

O lazer e a recreação como espaços de divertimento, discernimento, resgate cultural e mudanças, abrindo com isso novas possibilidades de viver com dignidade e prazer.

Finalizando este estudo, mas não finalizando as pesquisas sobre o tema, pois este deverá estar em constante mutação e reconstrução, deixamos aqui o desafio de juntos provocar novos questionamentos e inquietações sobre as questões pertinentes ao lazer e à recreação, a fim de que, numa atitude investigadora, não nos conformemos e acomodemos frente aos problemas sociais, mas, nessa postura de inconformismo e reflexão crítica, possamos provocar em nossos alunos e professores atitudes contestadoras frente à realidade social e política, atuando como agentes de transformação social.

## REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ANASTASIOU, L.C., PIMENTA, S.G. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

ÁVILA, C., R.A. **A televisão: invasão estrangeira na televisão brasileira**. São Paulo: Cortez, 1982.

BETTI, R.I., GALVÃO, Z. Ensino reflexivo em uma experiência no ensino superior em educação física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.22, n.3, p.7-158. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.

BOGDAN, R., SARI, B. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos**. 4.ed. Portugal: Porto Editora, 2003.

BRAMANTE, C.A. Gestão do lazer e do entretenimento: uma proposta de currículo para formação do profissional. In: PINTO, L.; CASTRO, NORIDA T. (Orgs). **Coletânea 12º ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Balneário Camboriu, Roca,2000.

BRÊTAS, A. Recreação e a psicologia sócio-histórica;novas bases,novos caminhos. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**,10,1007, Goiânia. Anais:Gráfica e Editora Potência,1997.p.1050-1056.

BRUNHS, T.,H.. GUITIERREZ, G. (Orgs.) **Enfoques Contemporâneos do lúdico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Editora da UNICAMP,1997.

\_\_\_\_\_. (Org). **Temas sobre o lazer**. Campinas: Autores Associados,2000.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1980.

CALDEIRA, S. A formação de professores de educação física; Quais saberes e quais habilidades? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, v.22. n.3, maio de 2001.

CAMARGO, L. O. **O que é lazer**. 3.ed. São Paulo, Brasiliense,1992.

\_\_\_\_\_. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 1982.

CASTANHO, M.E. **Universidade à noite: fim ou começo de jornada?** Campinas: Papyrus, 1989.

CAUDURO, M.T. O profissional de educação física e suas competências específicas. In: Marcellino, C.N. (Org). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papyrus, 2003.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CONTRERAS, J. **A autonomia intelectual**: vozes públicas do professorado. Conferência proferida na Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas, 8 jul.1999.

COSTA, L. Currículo e formação profissional do lazer: investigando reajustamentos das instituições de ensino superior aos enfoques de turismo, entretenimento e políticas públicas. In: PINTO, L. S. , CASTRO, NORIDA, T. (Orgs). **Coletânea 12º ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Balneário Camboriú: Roca, 2000.

CUNHA, M. .Inovação como perspectiva emancipatória no ensino superior: mito ou possibilidade? In: Candau. V. (Org). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

DAOLIO, J. Educação Física e cultura. **Corpoconsciência**. Santo André: FEFISA, n.1, p.11-28, 1998.

DE MASI, D. **O amanhecer no 3º Milênio**: Perspectivas para o trabalho e o tempo livre. V Congresso Mundial de Lazer. São Paulo: SESC, outubro de 1989. Palestra.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. 3.ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2004.

\_\_\_\_\_. **Valores e Conteúdos Culturais do Lazer**. São Paulo, SESC, 1980.

\_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer**. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

FREIRE, J.B. **De corpo e alma**: o discurso da motricidade. São Paulo: Summuns, 1991.

FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro**. São Paulo: Summus, 1989.

\_\_\_\_\_. Métodos de confinamento e engorda (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...). In: Wey, M. (Org). **Educação Física & Esporte: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 2000.

GALLARDO, J.P. **Didática da Educação Física: a crianças em movimento: jogo, prazer e transformação**. São Paulo: FTD, 1998.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GEBARA, A Educação Física e esportes no Brasil: perspectivas (na história) para o século XXI. In: **Educação Física e esportes no Brasil: perspectivas (na história) para o século XXI**. In: Wey, M. (Org). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 2000.

GIROUX, H., SIMON, R. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In MOREIRA, A.; SILVA, T. (Org) **Currículo, cultura e sociedade**. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

GODOY, J. F. A prefeitura do município de Piracicaba. In: MARCELLINO, Néelson Carvalho. (Org). **Lazer: Formação e atuação profissional**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 1995.

GUTIERREZ, G. A preguiça, a culpa e a vida eterna vão ao mercado do lazer. In: BRUHNS., H. GUTIERREZ, G. (Orgs.). **Enfoques Contemporâneos do Lúdico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 2.ed. São Paulo: Monteiro, 1990.

ISAYAMA, H., F. **Recreação e lazer como integrantes dos currículos dos cursos de graduação em Educação Física**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 2002.

LAFARGUE P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Kairós, Livraria e Editora Ltda, 1980.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 11.ed. Campinas: Papyrus, 2004..

\_\_\_\_\_. **Lazer e Humanização**. 8.ed. Campinas: Papyrus, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Animação**. 6.ed. Campinas: Papyrus, 2004.

MARCELLINO, N. C. (Org.) **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Lazer: formação e atuação profissional**. 3.ed. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. Conferência de pérolas e de brilhantes falsos. **Coletânea 12º ENAREL** - Encontro Nacional de Recreação e lazer. (Org.) PINTO, I. Balneário do Camburiú: Roca, 2000.

MARINHO, I., et al. **Manual de recreação**: orientação dos lazeres do trabalhador. Rio de Janeiro:Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1952.

MEDINA, J., P. **A Educação Física cuida do corpo... e "mente"**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1983.

MOREIRA. **Educação Física & Esporte**: perspectivas para o século XXI. 5 ed. Campinas: Papirus, 2000.

PARÂMETROS CURRICULARES: **Educação Física**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3.ed. Brasília: A Secretária, 2001.

PAIVA, J.L. Por um Voluntariado local. in: MARCELLINO, Nélon Carvalho (Org). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papirus, 2003.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PINA, W.L. Multiplicidade de profissionais e de funções. In: Marcellino, C.N. (Org). **Lazer: formação e atuação profissional**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2002.

ROLIM, L.C. **Educação e Lazer**: a aprendizagem permanente. São Paulo: Ática, 1989.

SANTINI, R.C. **Dimensões do lazer e da recreação**: questões espaciais, sociais e psicológicas. São Paulo: Editora Angelotti Ltda, 1993.

SANTOS, B., S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós modernidade. Lisboa: Afrontamento, 1994.

SANTOS, Lima, N.C.A. et. al. Lazer em Hotéis: o que temos e o que queremos. **Coletânea do II seminário**. "O lazer em debate". (Orgs). Werneck e Isauama. Belo Horizonte: UFMG/DEF/celar, 2002.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 6 ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 30 ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

SCHON, D.A. Formar professores como profissionais reflexivos. In NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVEIRA, C.G., PINTO, F.J. Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.22, n.3, p.7-158. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.

STOPPA, E. **Acampamento de férias**. Campinas: Papyrus, 1999.

VEBLEN; T. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Pioneira, 1965.

WAICHMAN, P. **Tempo livre e recreação**. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2002.

WERNECK, C. O lazer na sociedade contemporânea: Via de diferenciação entre classes e grupos sociais ou estratégia de mobilização e engajamento político? In: WERNECK, C. IISAYAMA, H.,F. (Orgs). **Coletânea do III Seminário “O lazer em debate”**. Belo Horizonte: UFMG/ DEF/ CELAR, 2002.

\_\_\_\_\_. Lazer e formação profissional na sociedade atual: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. **Licere**. Belo Horizonte, v.1,n.1, P.47-65, SET.1998.

\_\_\_\_\_. A constituição do lazer como campo de estudos. **Coletânea 12º ENAREL** - Encontro Nacional de Recreação e lazer. (Org.). PINTO, L.; CASTRO, NORIDA. Balneário Camboriu: Roca, 2000.

## **ANEXOS**



## **ANEXO A**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Prezado(a) estudante**

Estamos desenvolvendo um estudo sobre concepções de lazer e recreação com os alunos dos cursos de Educação Física da PUC-Campinas.

Para que nosso trabalho alcance os objetivos a que nos propusemos, precisamos de sua colaboração no sentido de responder ao questionário. Não há respostas certas ou erradas.

Interessa-nos que expressem suas considerações em relação às perguntas.

A maioria das questões é *fechada*, bastando você assinalar as alternativas apresentadas.

Há, no entanto, duas questões *abertas*, isto é, que exigem respostas descritivas, que deverão ser respondidas nos espaços correspondentes.

Não é necessário identificar-se.

Solicito sua autorização para utilização dos dados obtidos em pesquisa de mestrado.

Atenciosamente

Heloisa Nogueira Cordeiro Mendes Faria

## PERGUNTAS PARA OS ALUNOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

### DADOS PESSOAIS

1) Qual sua faixa de idade?

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> menos de 20 anos     | <input type="checkbox"/> mais de 23 a 26 anos |
| <input type="checkbox"/> mais de 20 a 21 anos | <input type="checkbox"/> mais de 26 a 30 anos |
| <input type="checkbox"/> mais de 21 a 23 anos | <input type="checkbox"/> mais de 30 anos      |

2) Qual o seu sexo?

- |                                    |                                   |
|------------------------------------|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> masculino | <input type="checkbox"/> feminino |
|------------------------------------|-----------------------------------|

3) Você exerce alguma atividade remunerada?

- |                              |                              |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |
|------------------------------|------------------------------|

Onde? \_\_\_\_\_

4) Mais de uma alternativa poderá ser assinalada na questão seguinte.  
Neste caso, escreva

(1) antes do item que corresponde ao meio mais utilizado,

(2) àquele que vem em 2º lugar, e assim por diante.

Como você se mantém informado(a) sobre a situação social, política e econômica do país e do mundo?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> conversa com amigos                 | <input type="checkbox"/> rádio                   |
| <input type="checkbox"/> leitura de jornais                  | <input type="checkbox"/> internet                |
| <input type="checkbox"/> noticiário de TV                    | <input type="checkbox"/> outro                   |
| <input type="checkbox"/> revistas ( tipo VEJA, ISTO É, etc.) | <input type="checkbox"/> o tema não me interessa |

5) Você atua junto a:

- comunidade de bairro
- partidos políticos
- grupos religiosos
- grupos assistenciais
- ONGs
- grupos voluntários
- não atua

### APRENDIZAGEM

1) Você acha que teve uma boa fundamentação teórico e prática na disciplina Teorias do Lazer ?

- |                                      |                              |
|--------------------------------------|------------------------------|
| Teórico <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |
| Prática <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |

2) Você participou de estágios na disciplina?

- |                              |                              |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |
|------------------------------|------------------------------|

3) Você é capaz de elaborar e colocar em prática um Projeto de Lazer e Recreação?

sim

não

4) Você considera que a disciplina Teorias do Lazer lhe proporcionou condições reais para atuar profissionalmente de forma crítica reflexiva e transformadora?

sim

não

5) Quanto ao papel do Animador Cultural, Recreólogo ou Recreacionista. Qual dessas duas opções você escolheria para definir o perfil desse profissional?

a) É aquele que oferece projetos de recreação e lazer que levam os participantes a adquirirem novas culturas, que promovam uma boa integração entre as pessoas, que valorizam a cultura local, que proporcionem um desenvolvimento pessoal.

b) Palhaços, técnicos em recreação que através de uma diversidade de técnicas de recreação e pantomimas entretêm as pessoas.

6) Você considera que as atividades de lazer e recreação oferecidas tanto no setor privado quanto no setor público, na sociedade contemporânea, estão mais voltadas para:

a) Um lazer físico-esportivo-“lazer suor”, massificante.

b) Lazer crítico, que o praticante aprende apreciar e admirar outras manifestações culturais.

7) Na sua opinião existem Políticas Públicas de Lazer e Recreação eficientes e eficazes?

sim

não

raramente em alguns municípios.

Justifique: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8) Qual a sua concepção de Lazer e Recreação?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## **ANEXO B**